



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO – JORNALISMO

AILTON SENA DE JESUS

**ANÁLISE DA COBERTURA NOTICIOSA NO
WEBJORNALISMO: UM ESTUDO DO PROJETO BOA
SORTE**

Salvador

2016

AILTON SENA DE JESUS

**ANÁLISE DA COBERTURA NOTICIOSA NO
WEBJORNALISMO: UM ESTUDO DO PROJETO BOA
SORTE**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Comunicação com habilitação em Jornalismo,
Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da
Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira

Salvador

2016

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proveu tudo aquilo que precisei durante minha jornada!

Aos meus pais, Armando Cândido e Maria José, com quem sempre pude e posso contar para realização de meus sonhos.

Às minhas irmãs, que me receberam de portas abertas quando mudei para Salvador.

Aos amigos que fiz durante o período de graduação. Presentes que ganhei direta e indiretamente da Faculdade de Comunicação. Em especial: Alles Alves, Daniela Aquino, Luana Velloso, Lysia Ayana, Miriane Oliveira, Milena Anjos, Paula Souza, Talisson Oliveira e Yne Manuella.

À equipe da Assessoria de Comunicação da Defensoria Pública do Estado, a qual tive o prazer de integrar. Em especial a Camila Moreira, Roberto Melo, Laís Lage, Layla Victória e, principalmente, Renata Vidal.

Ao meu orientador, Giovandro Ferreira, pela atenção e disponibilidade para desenvolver esse trabalho comigo.

À equipe do Centro de Comunicação Democracia e Cidadania (CCDC) da UFBA - nas pessoas de Alles Alves, Clarissa Viana, Joaci Conceição e Rita Barbosa - pelas discussões e tardes agradáveis que passei em meus primeiros semestres de graduação. Naquele ambiente, me foi despertado o senso crítico para o jornalismo e gosto pela pesquisa.

Ao corpo docente da Faculdade de Comunicação da UFBA pelos valiosos ensinamentos.

A todos aqueles que me ajudaram nessa trajetória,

Muito obrigado!

Você nunca sabe a força que tem, até que a sua única
alternativa é ser forte.

Jhonny Depp

RESUMO

O presente trabalho realiza uma análise sobre a produção noticiosa acerca do projeto Boa Sorte. O objetivo é entender como é construído o discurso sobre o mesmo no webjornalismo. É estudado como os recursos disponíveis na plataforma web: multimídia, memória, interatividade, hipertextualidade, personalização e atualização são utilizados nos textos de modo a promover um aprofundamento na abordagem da questão estruturante da iniciativa: o HIV; e, com base nos operadores Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação, analisamos como os veículos se portam perante aquilo que noticiam. São investigados os textos produzidos por sete diferentes *sites* noticiosos: Brasil Post, Correio Braziliense, DF Agora, Extra Online, G1, R7 e Uol. A pesquisa observou baixa utilização das características do jornalismo para Internet na mostra, pouco aprofundamento na abordagem do HIV e aderência dos veículos ao discurso do idealizador do projeto.

Palavras-chave: webjornalismo; análise do discurso; projeto Boa Sorte ; HIV;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. GERAÇÕES DOS ESTUDOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	10
2.1 O MODELO INFORMACIONAL E A ÊNFASE NA TRANSMISSÃO DE SIGNOS	11
2.2 MODELO SEMIO-INFORMACIONAL: A TRANSFORMAÇÃO DE UM SISTEMA EM OUTRO.....	13
2.3 O MODELO SEMIODISCURSIVO E A CENTRALIDADE DAS PRÁTICAS TEXTUAIS	15
2.3.1 A abordagem semiodiscursiva como prática de pesquisa em Comunicação	17
2.3.2 Metodologia de análise	22
3. A WEB COMO MEIO PARA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO JORNALÍSTICO	26
3.1 CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO	28
3.2 AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DO WEBJORNALISMO	31
3.2.1 Jornalismo em base de dados	33
3.3 O TEXTO NO WEBJORNALISMO	35
4. A COBERTURA DO PROJETO BOA SORTE NO WEBJORNALISMO	38
4.1 ETAPAS DA PESQUISA	38
4.1.1 Escolha do tema	39
4.1.2 Da constituição do <i>corpus</i>	40
4.2 ANÁLISE DA REGULARIDADE DOS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DO WEBJORNALISMO NO <i>CORPUS</i>	42
4.3 ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO DADO AO PROJETO BOA SORTE	47
5. ANÁLISE DO POSICIONAMENTO DISCURSO SOBRE O PROJETO BOA SORTE ..	50
5.1 ANÁLISE DOS TÍTULOS INFORMATIVOS	50
5.2 ANÁLISE DOS TEXTOS	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o relatório da Unaid - Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, no mundo, o número de novos casos de infecções pelo vírus HIV caiu 35,5% entre os anos de 2000 e 2014. No Brasil, entretanto, registrou-se um aumento dos novos casos no mesmo período. Estima-se que em 2000 o número de pessoas com HIV estava entre 29 mil e 51 mil. Em 2014, estimou-se ser entre 31 mil e 57 mil. Esse fenômeno aponta para uma necessidade de fortalecer as ações de sensibilização e conscientização sobre a doença no país, tanto para um diagnóstico precoce dos indivíduos que possuem o vírus quanto para a prática de relações sexuais protegidas.

Com o intuito de fomentar a discussão sobre o tema, informar e diminuir o preconceito contra as pessoas vivendo com HIV; o ativista brasileiro Gabriel Estrêla lançou, em julho de 2015, o projeto Boa Sorte. O ator e diretor de teatro deu início ao projeto após divulgar, por meio de texto na rede social *Facebook*, sua sorologia positiva para o vírus. A iniciativa previa a realização de um espetáculo musical autobiográfico, onde ele conta um pouco do que viveu do momento em recebe o diagnóstico até o início do tratamento com antirretrovirais; um ensaio fotográfico de nu artístico e a divulgação de informações sobre o tema por meio das redes sociais do projeto.

O interesse pela pesquisa acadêmica e, em especial, pela Análise do Discurso, surge com sua participação no Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania da Faculdade de Comunicação da UFBA. A escolha do tema acontece quando se percebe a necessidade de discutir o tema do HIV, um tópico que vira pauta na mídia quando eventos como o “clube do carimbo”, grupo de pessoas que propositalmente transmitem o vírus, é denunciado. Mas que não possui uma regularidade em seu agendamento. Por considerar o projeto Boa Sorte, uma iniciativa corajosa de incentivo ao debate sobre a temática e por desejar integrar de alguma forma esse movimento é que resolvemos efetuar essa pesquisa sobre a divulgação do projeto na mídia. Também é preciso mencionar a importância do papel que o jornalismo desempenha na construção simbólica de mundo por meio da mediação dos acontecimentos, o que aponta para uma necessidade constante de análise da produção simbólica feita por esse profissional.

Aqui efetuamos uma análise sincrônica da produção noticiosa acerca do projeto Boa Sorte publicada na Internet. O trabalho é realizado em cima das matérias veiculadas pelos sites Brasil Post, Correio Braziliense, DF Agora, Extra Online, G1, R7 e Uol, uma notícia de cada site. Para isso, unimos dois campos de conhecimento acerca do qual se tem interesse - Análise do Discurso e Webjornalismo. Eles são os eixos que estruturam o estudo aqui apresentando.

Utilizando operadores da Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação, observamos como é construído os sentidos sobre o projeto no webjornalismo. Também nos atentamos para o modo como os recursos disponíveis nessa plataforma são utilizados na construção desses sentidos. Interessa-nos ainda verificar em que medida os veículos da mostra contribuem informativamente para a discussão sobre o tema HIV. O foco da análise nos textos da web justifica-se tanto pela maior facilidade de acesso às matérias, quanto pela maior disponibilidade de ferramentas na plataforma que poderiam ser utilizadas pelos jornalistas na produção dos conteúdos para oferecer ao leitor uma pluralidade de informações sobre o tema abordado.

Apesar de os estudos sobre o uso da Internet para fins jornalísticos serem feitos há mais de uma década, não há um consenso dos pesquisadores acerca da terminologia a ser usada para definir o jornalismo praticado para ou com o auxílio da Internet. Os trabalhos oscilam entre o uso de “jornalismo *on-line*”, “jornalismo digital”, “jornalismo eletrônico”, “jornalismo multimídia”, “ciberjornalismo” e “webjornalismo”. Usamos neste trabalho o termo webjornalismo em referência às interfaces gráficas da rede, uma parte específica da Internet na qual o conteúdo jornalístico é disponibilizado para o leitor.

Nossa análise está estruturada em quatro capítulos através dos quais revisitamos as principais teorias, estudos e conceitos que lhe dão suporte. No primeiro capítulo, traçamos um breve panorama das Teorias da Comunicação a partir das gerações de estudos sobre a produção de sentidos. Discutimos as principais características dos modelos informacional, semio-informacional e semiodiscursivo. A partir dessa revisão, situamos a Análise do Discurso no âmbito das teorias e traçamos a orientação teórico-metodológica que adotamos na pesquisa. Os trabalhos de Ferreira (2010), Wolf (2012), Maingueneau (2002) e Pinto (1999) desempenham um papel primordial nessa revisão teórica e definição de uma metodologia.

Com base nos estudos do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line da Faculdade de Comunicação da UFBA (GJOL), estabelecemos uma discussão acerca do webjornalismo no

segundo capítulo. Apresentamos as características do jornalismo na rede definidas por Palacios (1999 *apud* PALACIOS, 2003): Multimídia/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Atualização Contínua/ Instantaneidade e Memória. E traçamos a linha evolutiva do jornalismo em rede com suas respectivas propriedades. Segundo Barbosa (2013), a prática já está em sua quinta fase.

No terceiro capítulo, traçamos o percurso que nos trouxe a essa pesquisa e especificamos de que modo foi constituído o *corpus* analisado. Explicitamos as ferramentas utilizadas para coleta das matérias e os critérios adotados para seleção e exclusão das mesmas. O volume inicial de 64 matérias, após triagem com consequente aplicação dos critérios definidos para a pesquisa foi reduzido a sete textos publicados por sete diferentes *sites*. Ainda neste capítulo, fazemos a análise de regularidade das características do webjornalismo presentes nos textos e do enquadramento dado ao projeto em cada um deles.

O último capítulo esboça uma análise do posicionamento discursivo dos veículos acerca do projeto Boa Sorte. A partir do estudo dos textos, tentamos identificar o modo como cada veículo aborda a temática; analisamos o nível de aprofundamento na questão - o que se revelaria no produto pela multiplicidade de fontes consultadas e informações disponíveis ao leitor; também nos atentamos às declarações usadas para construção das matérias; à estrutura dos títulos, que são o chamariz para os textos; e ao vocabulário adotado. Para tanto, utilizamos a metodologia esboçada no primeiro capítulo, que consiste na aplicação dos operadores da Análise do Discurso e Teoria da Enunciação.

2. GERAÇÕES DOS ESTUDOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

Com o surgimento dos meios de comunicação de massa nas primeiras décadas do século XX, a comunicação humana ganha novos contornos. A presença física para veiculação de informações a grandes públicos torna-se dispensável, ao mesmo tempo em que a própria noção de “grande público” é ressignificada, ampliada. McQuail (2003) nos conta que já no início da Idade Média, a Igreja tinha meios elaborados e eficazes para garantir a transmissão, ou seja, já existia comunicação de massa independente dos mídia de massa. No início do século XX, ela será vista como um elemento fascinante, pela sua capacidade de falar indistintamente a uma grande multidão, e também, será objeto de críticas. Os meios eletrônicos, como o rádio e o cinema, desde a origem, são vistos por muitos como novos agentes da manipulação ideológica (DALMONTE, 2009). Num misto de fascínio e temor surgem os primeiros estudos que tentam dar conta do fenômeno desencadeado pelos novos aparatos tecnológicos.

A fim de situar a Análise do Discurso no âmbito das pesquisas em comunicação, faz-se necessário traçar aqui um breve panorama dos modelos teóricos segundo os quais o problema comunicativo foi abordado. Abordaremos aqui o modelo informacional, “o primeiro a colocar em relevo o termo ‘comunicação’ na condição de ‘transmissão’” (FERREIRA, 2010; p. 43); o modelo semio-informacional, no qual a noção de código é estruturante para o entendimento da comunicação como a transformação de um sistema por outro e não mais a transmissão de informação (FERREIRA, 2010, p. 48); e, por fim, o modelo semiodiscursivo, o mais importante para essa pesquisa, pois é segundo essa abordagem da comunicação que está estruturada as pesquisas em Análise do Discurso.

É também por meio desse resgate teórico que podemos definir o contexto no qual esse estudo está inserido e fazemos uma escolha metodológica que garanta a execução do trabalho.

2.1 O MODELO INFORMACIONAL E A ÊNFASE NA TRANSMISSÃO DE SIGNOS

É na teoria matemática da comunicação, proposta por Shannon e Weaver (1949), que o modelo informacional ganha contornos consistentes. Entretanto, o entendimento da comunicação como um processo de transmissão pode ser observado tanto na teoria da sociedade de massa, como em sua correspondente, a teoria hipodérmica (WOLF, 2003). Sua origem está intimamente ligada aos estudos de engenharia das telecomunicações que tinham por objetivo melhorar a velocidade de transmissão de mensagens, diminuir as distorções e aumentar o rendimento global do processo de transmissão de informações.

Segundo Escarpit (1991 *apud* FERREIRA, 2010), ocorreram três momentos importantes de influência dessas pesquisas nos estudos dos meios de comunicação: o trabalho de Nyquist (1924) sobre a velocidade da transmissão das mensagens; o de Hartley (1928) sobre a medida da quantidade de informação e, por fim, o trabalho de Shannon (1948) que se firmou como uma teoria acerca do rendimento informacional. A teoria de Shannon se estruturou como uma “teoria sobre a *transmissão* óptima das mensagens” (WOLF, 2003, p. 113, grifo do autor) e o sistema geral de comunicação por ele proposto inclui, de um lado, uma fonte emissora de uma mensagem, essa mensagem é convertida em sinal por um aparelho transmissor e viaja através de um canal. Do outro lado, um aparelho receptor converte o sinal na mensagem original para o destinatário. Entretanto, no processo de transmissão, a mensagem pode ser corrompida por ruídos.

No contexto da teoria matemática da comunicação, a significação da mensagem não é considerada. Como já foi dito, o interesse teórico é a transmissão da mensagem. Acerca dessa questão, Eco (1972 *apud* WOLF, 2003) explica que essa teoria constitui um método de cálculo das unidades de sinal transmissível e transmitido e não um método de cálculo das unidades de significado. Numa metáfora usada por Escarpit, ele afirma que a perspectiva dos teóricos da informação é semelhante à do empregado dos correios: no processo de entrega de um telegrama, o significado daquilo que ele transmite é indiferente, sua função é a transmissão de uma quantidade de informação.

A transmissão de informação, que é tão essencial no modelo informacional, é possibilitada pela existência do código. Ele é a referência na recepção da mensagem e sua existência é

condição *sine qua non* para a existência da mesma. Ao mesmo tempo, é por meio dele que a recepção extrai o sentido da mensagem. Sua inexistência a torna uma sucessão de sinais (FERREIRA, 2010). No entanto, essa compreensão do código não é tida por essa teoria. Aqui ele é apenas o sistema organizador que não contempla o problema do significado da mensagem. Eco (1972 *apud* WOLF, 2003) explica que sem o código, não existem significantes, apenas sinais. O código, segundo ele, não é apenas o sistema que organiza os significantes, é também um sistema de união e de equivalências que une um sistema de significantes a um sistema de significados. Outra limitação teórica da teoria matemática da comunicação é a visão mecanicista segundo a qual um significante corresponde a um só significado. Ela desconsidera a existência de uma relação ambígua entre eles causada pela polissemia e pela homonímia (FERREIRA, 2010).

Apesar das críticas e limitações, o modelo informacional permaneceu como paradigma dominante dos estudos em comunicação durante vários anos. Wolf (2003) apresenta três explicações que possibilitaram essa perenidade. A primeira diz respeito à sua difusão para outros âmbitos, o que aconteceu por meio do apagamento dos aspectos mais técnicos. Assim a forma geral do esquema se transformou num sistema comunicativo geral. Nesse ponto, a linguística jakobsiana desempenhou um papel muito importante ao promover um “alargamento” teórico. Jakobson propôs uma integração entre as duas disciplinas, destacando pontos em comum, pois cada uma delas estuda, de modos diferentes, a mesma área, a da comunicação verbal (FERREIRA, 2010).

A segunda explicação advém da funcionalidade dessa teoria em relação à pesquisa sobre os efeitos. Até a ascensão do modelo semiótico, a problemática dos efeitos é abordada segundo um esquema transmissivo que se adaptava bem à representação linear do processo comunicativo. O modelo emissor/receptor prestava-se bem às análises experimentais, às quantificações em grande escala, aos métodos de controle e descrição semelhantes aos das Ciências Físicas. A partir do modelo semiótico, a questão dos efeitos é formulada de uma maneira diferente, através das variáveis de decodificação e dos sistemas de conhecimentos e competências que orientam esse processo (WOLF, 2003).

A terceira explicação está ligada à orientação sociológica da pesquisa em comunicação e ao papel desempenhado pela teoria crítica e pelas correntes dela resultantes.

A orientação sociológica fez com que a problemática mais especificamente comunicativa passasse para segundo plano no que respeita às questões de fundo (essencialmente, a relação *mass media*/sociedade); por outro lado, na teoria crítica, há um modelo comunicativo já totalmente inserido na análise do funcionamento social, numa época de capitalismo avançado. (WOLF, 2003, p. 121)

Além dos motivos já mencionados, o autor ainda enumera dois outros fatores que dificultaram a mudança de modelo comunicativo. O primeiro consiste no fato de ter sido possível, por meio desse modelo, a construção de uma metodologia de análise do conteúdo¹ das mensagens adequada à necessidade de trabalhar com amostras quantitativamente grandes. E o segundo, que está intimamente ligado ao primeiro, diz respeito à limitação dos modelos comunicativos posteriores em proceder na análise de grandes amostras. Isso se dá por conta da ênfase dada ao problema da significação e na dinamicidade da relação entre emissor e receptor.

2.2 MODELO SEMIO-INFORMACIONAL: A TRANSFORMAÇÃO DE UM SISTEMA EM OUTRO

O modelo semiótico-informacional² surge como uma espécie de evolução do modelo baseado na teoria matemática da comunicação. Se o modelo anterior foi criticado pela sua centralidade na transmissão de informação, veremos aqui um deslocamento para o problema da significação. O código antes visto meramente como sistema sintático, organizador, agora apresenta uma dimensão mais comunicativa e é visto como o instrumento que possibilita a transformação de um sistema por outro. Segundo Wolf (2003), foi a influência de outras disciplinas no modelo informacional que possibilitou essa mudança no paradigma comunicativo. Como explica Ferreira (2010, p. 47-48):

Observa-se um modelo informacional que se desloca, paulatinamente, da eficácia do processo comunicativo, ligado somente aos significantes rumo a uma problemática mais geral da significação. Essa nova etapa pode ser, então, denominada como modelo semio-informacional.

¹ A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa pela descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação. Seu método consiste na decomposição da mensagem em elementos mais simples e em seguir um conjunto de regras explícitas de procedimento no exame das mensagens. Existem dois momentos cruciais para realização da análise, escolha e definição das categorias de conteúdo a utilizar e especificação dos termos que pertencem a cada categoria. Essa técnica de pesquisa é utilizada como instrumento para fazer inferências e interpretações sobre a orientação de quem produziu os textos submetidos à análise (WOLF, 2003)

² Em publicação intitulada *Progetto di ricerca sull'utilizzazione dell'informazione ambientale*, Eco e Fabbri (1978) denominam de semiótico-informacional esse modelo comunicativo.

No esquema comunicativo apresentado pelo modelo semio-informacional, a mensagem enviada é vista como forma significante que veicula um determinado significado e a mensagem recebida é entendida como significado. Entre essas mensagens, há um espaço extremamente articulado e complexo onde entra em jogo fatores que podem fazer com que o destinatário tenha uma interpretação divergente das intenções do emissor e do modo como ele previa a decodificação: é a chamada decodificação aberrante (ECO, Fabbri *et all*, 1965 *apud* WOLF, 2003). Esses fatores podem ser de ordem semiótica ou sociológica. Do ponto de vista semiótico, se articulam as competências que o meio de comunicação e o destinatário partilham e que estruturam os diferentes níveis que criam a significação da mensagem. Já no viés sociológico, estão as diversas situações socioculturais que suscitam uma pluralidade de códigos ou de regras de competência e de interpretação.

Acerca da interferência dos fatores sociológicos no processo de interpretação, Eco e Fabbri (1978 *apud* WOLF, 2003) afirmam que:

De acordo com as diversas situações socioculturais, existe uma diversidade de códigos, ou de regras de competência e de interpretação. E a mensagem tem uma forma significante que pode ser preenchida com vários significados, contanto que existam vários códigos que estabeleçam várias regras de correlação entre determinados significantes e determinados significados. E, no caso de existirem códigos de base aceites por todos, há diferenças nos subcódigos.

O processo de comunicação sob a ótica do modelo semio-informacional acontece por meio do estabelecimento de um contrato entre a instância de produção e a de interpretação da mensagem. Esse contrato é baseado na articulação dos códigos (ausência ou disparidade de código, hipercodificação, hipocodificação, ilegitimação do emissor, etc) e na situação comunicativa específica dos mídia de massa, a exemplo da assimetria dos papéis comunicativos. Ao admitir a interferência desses fatores, o modelo semio-informacional reafirma a problemática acerca da compreensão da mensagem segundo as intenções do emissor.

Há uma dupla situação e não uma recepção que é modelada pela mensagem, como apregoavam certos teóricos no passado. Essa dupla situação revela a existência de dois destinatários: um construído pelo destinador na relação com o destinatário e, outro, o destinatário empírico que é sempre uma referência na produção textual. O modelo semio-informacional já esboça uma visão da comunicação dos “efeitos possíveis” (FERREIRA, 2010, p. 49)

O modelo semio-informacional releva à pesquisa sobre os mídia de massa a importância de englobar, na estratégia de análise, a atuação dos mecanismos comunicativos na determinação

dos efeitos macrossociais. Atuação que não acontece unicamente por meio da difusão em larga escala do mesmo conteúdo, mas também dos dispositivos que atuam atribuindo formas, conteúdos e soluções diversas a essa relação (WOLF, 2003). Também é preciso reconhecer o mérito desse modelo ao admitir a interferência de fatores sociológicos no processo comunicativo (FERREIRA, 2010). Apesar dos méritos, sua influência no andamento dos estudos da comunicação foi menor que a sua importância teórica.

De acordo com Wolf (2003), faltou uma ligação com os estudos acerca dos efeitos. A mudança de estudos da compreensão e decodificação para a elaboração de hipóteses amplas sobre os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa mostrou-se árdua e impraticável. O modelo ficou limitado ao âmbito de análise das mensagens, dos seus códigos e das estruturas comunicativas.

2.3 O MODELO SEMIODISCURSIVO E A CENTRALIDADE DAS PRÁTICAS TEXTUAIS

No modelo semiodiscursivo, ou semiótico-textual, ganha destaque as chamadas “práticas textuais”. Diferente do modelo anterior que era ancorado no binômio codificação-decodificação, aqui a centralidade está no conjunto de práticas textuais. Wolf (2003) nos adverte que essa não é uma simples mudança terminológica, mas sim uma transformação conceitual que permite englobar um aspecto elementar da comunicação de massa: a assimetria dos papéis de emissor e receptor. Maingueneau (2002) explica que todo ato de enunciação é assimétrico, ou seja, a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado, entretanto, nada garante que o sentido construído coincida com as expectativas do enunciador.

Dessa assimetria, que caracteriza historicamente a organização das comunicações de massa, deriva a diferente qualidade das competências comunicativas de emissores e receptores (saber-fazer *versus* saber-reconhecer) e articulação diferenciada (emissores e receptores) dos critérios de pertinência e de significação dos textos dos *mass media* (WOLF, 2003, p. 127)

De acordo com Ferreira (2010), essa mudança de paradigma é fruto de uma interdisciplinariedade entre os diversos domínios científicos, a exemplo dos estudos de

Antropologia de Clifford Geertz marcados pela influência da Semiótica. A nova abordagem ressalta que a interpretação de uma mensagem formulada com base num determinado código e decodificada com base nos códigos do destinatário constitui numa simplificação que pode induzir ao erro.

Diferente do que prega a abordagem semio-infomacional, os destinatários não recebem simples mensagens reconhecíveis, mas conjuntos textuais. A interpretação não é feita unicamente a partir dos códigos reconhecidos como tal, mas a partir de conjuntos de práticas textuais; aos destinatários não chegam somente uma mensagem, mas sim muitas sincronica e diacronicamente (WOLF, 2003). Desse modo, a competência interpretativa não fica restrita à assimilação pura e simples dos códigos, ela perpassa pelo consumo precedente desses textos. Reconhecimento e produção podem assim ser entendidos como lugares de diálogo intertextual em que um novo texto é produzido pelos ecos de textos anteriores (FERREIRA, 2010).

A cultura, em geral, pode ser representada como um conjunto de textos e como um sistema de regras que determinam as novas produções textuais (FERREIRA, 2010). Do ponto de vista do analista, a cultura é vista como um mecanismo que gera um conjunto de textos e tais textos são vistos como realização da cultura (LOTMAN; USPENSKIJ, 1973 apud WOLF, 2003). A cultura pode também ser considerada enquanto sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (GEERTZ, 1989 apud FERREIRA, 2010).

Outra característica importante da abordagem semiodiscursiva é a reconfiguração do papel do leitor. Ele deixa de ser um “depósito” da transmissão de signos e se torna um alvo em constante evolução que interfere diretamente na instância produtiva, ele se afasta da condição de ouvinte passivo. Numa tentativa de antecipar a compreensão do leitor, o autor estrutura a mensagem de uma maneira que acredita ser aceitável ao seu interlocutor, desse modo, o processo de codificação é influenciado pelas condições de decodificação (WOLF, 2003). Numa tentativa de dar conta do leitor empírico, a instância de produção cria o leitor modelo. Este segundo é apenas uma virtualização do primeiro e o desnível existente entre eles jamais será anulado num processo comunicativo. Só o autor tem acesso às suas intenções e, se ele não as comunica, elas não se constituem como fenômeno comunicativo (FERREIRA, 2010).

Ao reconhecer o desnível entre a produção e o reconhecimento discursivo, a abordagem semiodiscursiva encerra a concepção linear de comunicação que, por sua vez, perde a eficácia centrada na convenção do código e na intenção do autor. A noção de “efeitos possíveis” passa

a ser central para descrever as trocas existentes entre enunciador e destinatário (FERREIRA, 2010). Wolf (2003) nos conta que o modelo semiodiscursivo permite “que se individualize o modo como um dado estrutural dos aparelhos se *transforma* num mecanismo comunicativo e o modo como, através dessa mediação, incide sobre os processos de interpretação, de aquisição de conhecimentos e, finalmente, sobre os efeitos dos *mass media*” (p. 128). A abordagem semiodiscursiva reitera o caráter intertextual da construção e reconhecimento do discurso, segundo o qual a elaboração de um texto dialoga com os “ecos” de textos anteriores. Desse modo, a perspectiva diacrônica de consumo dos textos ganha relevância tanto na instância de produção quanto de reconhecimento. Os aspectos socioculturais passam a ser observados dentro do processo comunicativo. Como consequência da mudança de percepção do papel do leitor e do reconhecimento dos fatores socioculturais no processo de leitura, o estudo do signo e da análise do discurso passa a buscar um maior conhecimento da recepção (FERREIRA, 2010).

Nessa abordagem, há uma aproximação do destinatário com o emissor e também da abordagem semiótica com a sociológica, isso porque os fatores socioculturais, o conjunto de práticas textuais, atuam no processo de produção e reconhecimento das mensagens. Por não entender o discurso somente como um objeto semiótico, o objetivo dessa corrente deve ser o de conectar discursos, interações e contextos sociais ligando-os a outros contextos pois só assim é possível entender a dinâmica do discurso (WOLF, 1993 *apud* FERREIRA, 2010). Essa interação com outros campos também é importante para a Análise do Discurso (AD), na verdade, é constituidora desse campo de estudo que tem sua origem calçada na multidisciplinaridade.

2.3.1 A abordagem semiodiscursiva como prática de pesquisa em Comunicação

De acordo com Van Dijk (1990 *apud* MOURA, 2014) a Análise do Discurso (AD) surge a partir de outras disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, a exemplo da Linguística, dos Estudos Literários, Semiótica e Antropologia. O desenvolvimento dessa prática teria acontecido, mais ou menos, simultaneamente nestas disciplinas no fim dos anos 60 e começo da década de 1970. A AD procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de

produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados aos produtos culturais criados pelos eventos comunicacionais. Para isso, os produtos culturais são entendidos como textos em cujas superfícies estão as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar (PINTO, 1999).

A análise de discursos não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que o diz e mostra. Costumo dizer que a ela interessa explicar os *modos de dizer* (uso comunicacional da linguagem e de outras semióticas) exibidos pelos textos (...) (PINTO, 1999, p. 23)

O pesquisador Eliseo Verón (2004) defende o uso da expressão “análise dos discursos” para designar a prática investigativa. Com isso, ele pretende evidenciar a diversidade de discursos produzidos na sociedade. Produzidos num dado momento sócio-histórico que está diretamente ligado à sua significação. “O que é produzido, o que circula e que produz efeitos dentro de uma sociedade são sempre *discursos* (evidentemente, *tipos* de discurso, cujas classes devem ser identificadas e cuja economia de funcionamento deve ser descrita)” (VERÓN, 2004, p 61).

Ainda segundo o autor, a análise deve ser feita nos “desvios interdiscursivos”, objetivando o reconhecimento das *economias discursivas*. Esse processo se opera através da comparação: “porque é impossível saber, considerando isoladamente uma ‘unidade’ discursiva qualquer, quais os traços cuja detecção é pertinente para chegar à descrição operacional de uma certa economia discursiva” (VERÓN, 2004, p. 162). O autor entende como unidade, fragmentos discursivos, a exemplo de uma capa, uma página, um artigo, um livro, uma transmissão de televisão, um título. Na concepção do autor, esses fragmentos discursivos devem ser analisados sempre em comparação com outros discursos e em articulação com as outras matérias significantes que compõem o todo.

Maingueneau (2011) apresenta três tipos de contextos que podem fornecer elementos importantes para a análise do discurso. O ambiente físico da enunciação ou o contexto situacional, que torna possível identificar a que se refere as unidades do discurso como “aquele lugar”, “eu”, “você”, “ele” etc. O cotexto, ou seja, as sequências verbais anteriores ou posteriores à unidade a ser interpretada e que constituem um recurso que mobiliza a memória do leitor, colocando determinado fragmento em relação a um outro do mesmo texto; e os saberes anteriores ao contato com o discurso, ou seja, o conhecimento que o leitor desenvolve em suas vivências e que aciona durante o processo de interpretação . Apesar de apresentar os procedimentos da interpretação, o autor nos adverte para a sua multiplicidade. “*A priori* nunca

há uma única interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar à mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto”. (MAINGUENEAU, 2011, p. 29).

No processo de interpretação dos textos, o analista é equiparado à figura de um detetive que a partir das marcas encontradas nos textos o contextualiza em três níveis. Dentro do contexto situacional imediato é possível localizar o aqui e agora do evento comunicativo, no contexto institucional é identificado os papéis que os atores desempenham socialmente e, no contexto sociocultural amplo, localiza-se a estrutura sociocultural na qual o discurso toma lugar. Ao definir os discursos como práticas sociais, admite-se que a linguagem e todos os outros sistemas de signos que lhe são integrantes fazem parte de um contexto sócio-histórico que os legitima. Eles são escolhidos de maneira unicamente instrumental e fora das pressões sociais. Desse modo, atuam na reprodução, manutenção ou transformação das relações e identidades feitas da sociedade. É por meio dos discursos que se travam essas batalhas (PINTO, 1990). E tendo em vista que os textos jornalísticos possuem elevado grau de credibilidade na sociedade contemporânea além de serem imensamente difundidos e replicados com status de verdade, faz-se necessário a análise dessa produção discursiva.

2.3.1.1 A abordagem semi-discursiva e as estratégias de diferenciação dos textos

Em sua prática diária, os meios de comunicação de massa vivem em situação de constante disputa por uma posição no mercado e por garantir a consolidação de uma audiência. A distinção entre os diferentes meios de comunicação pode ser dar em virtude do público alvo, faixa etária, recorte social, etc. que almeja atingir, no entanto, os produtos similares situam-se numa mesma zona de concorrência, o que faz com que possa haver uma homogeneização de conteúdos. Na perspectiva da Análise do Discurso, o posicionamento discursivo é um fator determinante para o estabelecimento das marcas distintivas de cada produto (DALMONTE, 2009). Essa distinção é operacionalizada por meio de um contrato implícito existente entre a instância de produção e a instância de recepção.

Admitir a existência desse contrato implica em admitir que haja uma cooperação entre as instâncias que a ele se submete: produção e recepção, respectivamente. Para Charaudeau (1997 *apud* DALMONTE, 2009) a base da aproximação entre enunciador e destinatário está no contrato de comunicação, cujo elemento base é o quadro de constrangimentos para a instância de produção e no reconhecimento das intenções do enunciador por parte da instância de reconhecimento. Ele atua como a referência que norteia a orientação discursiva.

Todo ato de linguagem está submetido a um conjunto de constrangimentos que fazem participar de um certo gênero discursivo e depender de um contrato de fala determinado. (...) os participantes desse ato se encontram sob uma cena na qual eles devem assumir certos status sócio-linguísticos, que lhe são conferidos pelo contrato de fala (CHARAUDEAU, 1983 *apud* DALMONTE, 2009, p. 43)

Dentro do quadro de constrangimentos no qual acontece a produção do discurso atuam a identidade dos participantes, a finalidade e as circunstâncias nas quais a comunicação acontece. Na perspectiva de Charaudeau, a comunicação midiática põe em relação não indivíduos: emissor e receptor, mas duas instâncias: produção e reconhecimento. À primeira compete a captação do fato e sua transformação em notícia o que não acontece sem a interferência de constrangimentos como os critérios de noticiabilidade, tempo e espaço, linha editorial, etc. A finalidade diz respeito ao desejo da mídia em informar acerca dos eventos que se desenrolam numa co-temporalidade enunciativa com as instâncias (atualidade) e num espaço que é definido pelas suas limitações estruturais. E também à sua necessidade de captar o maior número de leitores para se informar em seu veículo (fidelizar) (CHARAUDEAU, 1983 *apud* DALMONTE, 2009).

De acordo com o autor, o ato comunicativo é marcado por uma co-intencionalidade. O texto é resultado das intenções do enunciador e do destinatário, ambos percebidos como seres de fala e não de ação (emissor-recepção). O texto é ao mesmo tempo processo e resultado. Ele carrega as marcas do entendimento do enunciador acerca das intenções do co-enunciador ao adentrar no processo comunicativo e também de suas próprias intenções ao disponibilizar o enunciado. É sobre essas marcas que se insere o trabalho do analista que buscará reconstruir o nível de envolvimento do produto com seu público (CHARAUDEAU, 1983 *apud* DALMONTE, 2009).

De acordo com os estudos de Véron (1895 *apud* DALMONTE, 2009), a distinção entre os meios de comunicação é feita por meio do contrato de leitura. Haja vista a quase homogeneização dos conteúdos e abordagens presentes nos discursos, a diferenciação estaria

na forma de apresentação que é determinada pelo contrato de leitura. É graças a este contrato que o leitor se vincula com o jornal diário, com o veículo que melhor responde aos seus anseios, que mais se aproxima do tipo de leitura diária que ele quer ter. O pacto comunicacional jornalístico está assente na factualidade das narrativas, na honestidade dos relatos e na objetividade como critério de avaliação da prática jornalística.

De acordo com o pesquisador, na dinâmica da concorrência dos media é possível identificar três princípios associados às condições de produção do discurso. A produção do leitor diz respeito à virtualização do público que o veículo tem como alvo, ela serve como parâmetro para definição do contrato de leitura que deverá atender às motivações, aspirações e imaginário do público almejado. O segundo princípio está ligado ao posicionamento do veículo perante a concorrência. Tendo em vista que o contrato de leitura é firmado como estratégia de diferenciação dos demais veículos, ela marca posicionamento do veículo que poderá ser atualizado caso perceba-se por parte da concorrência a adoção de novas estratégias para se aproximar do público. Por fim, aquele público produzido (virtualizado) pelo veículo é vendido aos anunciantes como potenciais consumidores.

Acerca do vínculo que se estabelece através do contrato de leitura e de como o posicionamento do enunciador pode ser identificado nos textos, Dalmonte (2009) afirma que:

O posicionamento consciente do sujeito falante no texto pode ser verificado por meio das marcas deixadas no texto. Essas marcas demonstram a intencionalidade do enunciador, por meio do enunciado, no tocante a seu destinatário que, por sua vez, propicia o reconhecimento da instância enunciativa e a possível aproximação do destinatário. (DALMONTE, 2009, p. 36)

Ainda sobre as estratégias de diferenciação, é interessante a noção de *ethos* proposta por Maingueneau (2002). Segundo o autor, por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. Desta forma, o sentido do discurso impõe-se tanto pelo *ethos*, como pelas ideias que transmite. “[...] Na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2002, p. 99). Assim, o poder de persuasão de um discurso depende da sua capacidade de levar o leitor a identificar-se com o “movimento de um corpo investido de valores socialmente especificados”. O *ethos*, por meio de sua fala, do modo de dizer, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado.

2.3.2 Metodologia de análise

Diante do quadro teórico apresentado acerca da Análise do Discurso e das limitações metodológicas impostas pelo *corpus* constituído para este trabalho, traçamos nossa metodologia de análise. O estudo dos discursos produzidos (ou reproduzidos) na mostra selecionada para esta pesquisa será efetuado com base nos operadores da Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação. Entre esses operadores, estão os dêíticos, o vocabulário, as figuras e vozes discursivas.

De acordo com o linguista Émile Benveniste, todo enunciado é fruto de subjetividade, pois parte de um sujeito num determinado tempo e local. A maneira como ele toma forma, pode denunciar uma tomada de posição do enunciador com relação àquilo que enuncia. Entretanto, a subjetividade presente nos enunciados pode ter suas marcas (dêíticos ou embreantes) apagadas pelo enunciador. Nos enunciados embreados, as marcas linguísticas que possibilitam sua referência com a situação de enunciação são mantidas, enquanto que nos não embreados são produzidos universos autônomos e generalizações.

As marcas linguísticas que atestam para a subjetividade dos enunciados estão divididas em três categorias. Elas formam a tríade dêítica o *eu-tu*; *aqui*; *agora* - são os índices de pessoa, espaço e tempo. De acordo com Benveniste (1958), os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para revelação da subjetividade. Eles se manifestam na relação de um “eu” ou “nós” (sujeito enunciador) com um “tu” ou “vós” (co-enunciador) que se produz na e pela enunciação. “Desses pronomes dependem, por sua vez, outras classes de pronomes que participam do mesmo status. São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” (BENVENISTE, 1958, p. 2)

Areladas aos índices de pessoa, estão os de espaço e de tempo. Os primeiros fazem referência ao lugar de onde fala o enunciador. O *aqui*, por exemplo, refere-se ao espaço onde o enunciador está no momento em que enuncia; o *lá*, um lugar distante daquele onde acontece a enunciação. Os índices de tempo apontam para o momento da enunciação, podendo apontar para o presente, passado ou futuro. Sua expressão no enunciado pode ser marcada tanto pela

flexão verbal quanto pelo uso de termos e expressões com valor temporal, a exemplo de *agora, hoje, amanhã, ano passado*.

Acerca do tempo presente, Benveniste (1958) afirma que ele remonta a uma coincidência do acontecimento descrito com a instância de discurso que o descreve. No jornalismo, esse tempo verbal ganha importância ao ressaltar a atualidade da atividade. De acordo com a Andrade (2016), o tempo presente “é elementar e a temporalidade do enunciado jornalístico é o agora, o que possibilita situar a enunciação no presente, mas também identificar os fatos narrados em um passado (mais próximo ou mais distante) ou remetendo a um futuro” (ANDRADE, 2016, p. 127).

Ao retomar as discussões acerca da enunciação, Alfredo Vizeu nos mostra que ela traz contribuições importantes para Análise do Discurso. Parafraseando Mainguenu (1997), ele nos conta que os estudos sobre enunciação colocam em evidência a dimensão reflexiva da atividade linguística: “o enunciado só remete para o mundo, seu referente, quando reflete o ato da enunciação que produz” (VIZEU, 2003, p. 4). O pesquisador também recorre aos estudos de Austin (1990) para afirmar ser impossível encontrar enunciados sem valor performativo, que só descrevam o mundo. “Até mesmo um enunciado que parece puramente descritivo como *está chovendo*, coloca-nos diante de uma realidade nova, realiza também uma ação, no caso, um ato afirmativo” (VIZEU, 2003, p. 4; grifo do autor).

A análise dos textos também levará em conta as marcas de modalização. A escolha dos modos verbais, o uso de verbos modais, advérbios modalizadores e construções adjetivas são opções feitas pelo enunciador que indicam seu juízo acerca daquilo de que se fala. Acerca dos modos verbais, entende-se que o indicativo expressa uma certeza daquilo que se fala; o subjuntivo trata de uma natureza hipotética, dúvida, desejo; o imperativo expressa uma obrigação ou ordem; enquanto que o infinitivo remonta a uma abstração ou generalização.

Na fase inicial da Análise do Discurso, o estudo do *vocabulário* empregado no enunciado teve papel importante para pesquisa, é o que nos conta Andrade (2016). Como em nosso *corpus* o maior volume de matéria significativa está expresso em forma de texto escrito, daremos especial atenção às escolhas lexicais feitas pelo enunciador. Através dessas escolhas, o enunciado descreve, qualifica, provoca interpretações e julgamentos sobre o evento narrado. O estudo do vocabulário utilizado nos permitirá identificar como os veículos nomeiam o

nosso objeto de pesquisa e os atores envolvidos, seja na inserção de seus discursos nos textos, nas legendas das fotos ou títulos.

Outro aspecto para o qual nos atentaremos na análise da mostra é o uso de outros discursos, seja de maneira direta ou indireta, para construção do texto jornalístico. É preciso ter em vista que quando dá voz a determinadas fontes, na escolha dos trechos da entrevista que serão publicizados e mesmo quando silencia, o veículo demonstra sua decisão editorial e posicionamento perante a temática em questão. Bakhtin (1992 *apud* VIZEU, 2003) afirma que o emprego do discurso indireto ou de suas variantes implica uma análise da enunciação simultânea à transposição e dela indissociável. “A tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que o elemento emocional e afetivo do discurso não é literalmente transposto ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo, mas nas *formas* de enunciação (VIZEU, 2003, p. 7).

De acordo com o teórico, essa análise pode acontecer a partir de duas abordagens. No discurso indireto analisador do conteúdo, a enunciação de um terceiro é absorvida como a tomada de posição com conteúdo semântico preciso, mas somente no plano temático. O discurso indireto analisador da expressão, por outro lado, é apreendido e transmitido como a forma de expressão própria do locutor, tanto em relação ao tema como também, e principalmente, por sua maneira individual ou tipológica de se expressar. “Implica, necessariamente, juízo de valor do narrador sobre o modo de pensar, falar e se comportar do seu interlocutor” (VIZEO, 2003, p. 8). Essa variante, entretanto, é pouco explorada no jornalismo.

Em suas reflexões acerca do uso de outros discursos para construção de um enunciado, Maingueneau (2002) enumera algumas razões pelas quais é feito uso do discurso direto. Em geral, seu uso está ligado ao gênero discursivo ou às estratégias de cada texto, mas pode ser feito para criar autenticidade, assegurando o leitor de que as palavras ali relatadas são aquelas que realmente foram ditas; distanciar-se, seja por não aderir ao que é dito, seja porque deseja explicitar uma adesão respeitosa ao dito; ou para mostrar-se sério, objetivo, como comumente é feito no texto jornalístico.

O estudo das vozes constitutivas das narrativas, além de descrevê-las, buscará analisar o que elas dizem (o conteúdo), como dizem, como se expressam. Tendo em visto aquilo que nos diz Verón (2004), tentaremos esboçar, sempre que possível, uma análise articulada e comparada

dos pontos observados nos diferentes textos que compõem a mostra. Também considerado seus pressupostos, estaremos atentos às correlações entre imagens e textos. Segundo o autor, nas composições texto/imagem, a imagem não deve ser analisada em si mesma, pois ela não é dissociável dos elementos linguísticos que a acompanham.

3. A WEB COMO AMBIENTE PARA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO JORNALÍSTICO

Neste capítulo, promovemos uma discussão acerca do jornalismo praticado na Internet. Abordamos as fases de desenvolvimento da atividade jornalística nessa nova plataforma: os estudos apontam a existência de cinco gerações (BARBOSA, 2013); e apresentamos as principais características das mesmas. Antes, porém, faz-se necessário esclarecer a adoção da terminologia webjornalismo, feita neste trabalho, para definir a produção de conteúdos jornalísticos na e para Internet.

Apesar da explosão do uso da Internet para fins jornalísticos ter ocorrido há mais de uma década e de já haver uma quantidade significativa de estudos acerca do fenômeno, não há consenso entre os pesquisadores sobre a terminologia a ser usada para definir o jornalismo praticado para ou com o auxílio da Internet. Os autores norte-americanos e os brasileiros oscilam entre o uso de “jornalismo *on-line*” e “jornalismo digital”, os espanhóis costumam adotar o termo “jornalismo eletrônico”. Mas também são utilizadas as nomenclaturas “jornalismo multimídia” e “ciberjornalismo” (MIELNICZUK, 2003). Para Canavilhas (2007), além da procedência linguística, a expressão também está ligada às diferentes fases de evolução do jornalismo praticado na Internet. Mais a frente, quando tratarmos dos estágios de evolução, tentaremos apresentar a correlação fase-terminologia apresentada pelo pesquisador.

Após realizar um levantamento bibliográfico apresentando a opinião de diversos autores, Bastos (2000 *apud* MIELNICZUK, 2003) adotou o termo “jornalismo eletrônico” para englobar o “jornalismo digital” e “jornalismo *on-line*”. De acordo com o pesquisador, “jornalismo *on-line*” diz respeito ao processo de apuração realizado por meio da Internet, enquanto “jornalismo digital” diz respeito à disponibilização do material produzido. Machado (2000 *apud* MIELNICZUK, 2003), por outro lado, levando em conta a questão do suporte, prefere a denominação “jornalismo digital” por acreditar que o termo dá conta das particularidades do novo suporte, enquanto o termo *on-line* é mais restrito. Ainda sobre a distinção entre *on-line* e digital, Mielniczuk ressalta que o primeiro remete à ideia de uma conexão em tempo real com fluxo contínuo e quase instantâneo que utiliza, na maioria dos casos, o digital. No entanto, ressalta que nem tudo que é digital é *on-line*.

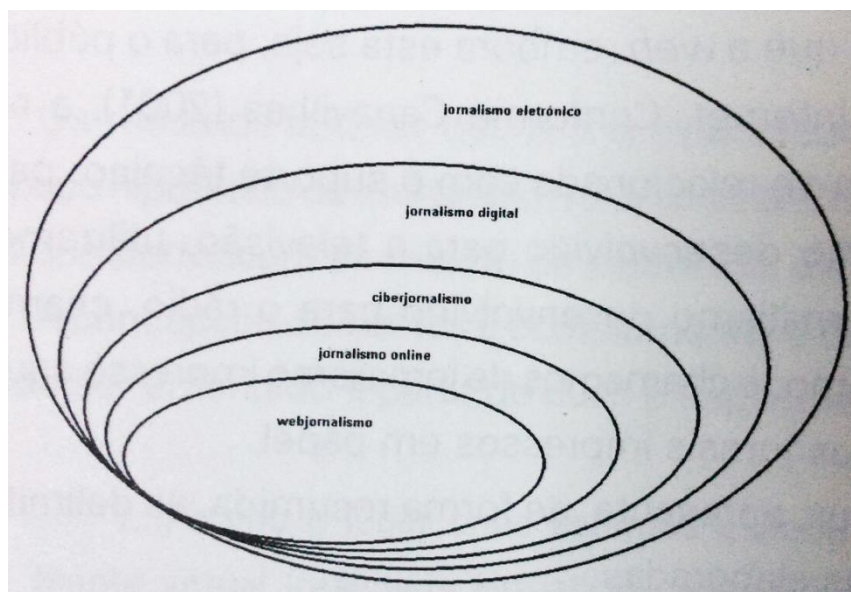
A denominação “jornalismo eletrônico” comumente utilizada nas pesquisas espanholas está intimamente ligado às ferramentas usadas para produção do material jornalístico disponível na Internet. O termo dá conta da definição uma vez que estas ferramentas, sejam elas de natureza digital ou analógica, são eletrônicas. Já o termo “jornalismo multimídia” refere-se à possibilidade de manipulação conjunta de dados de diferentes naturezas numa mesma narrativa. Um produto jornalístico desenvolvido para Internet pode se valer de texto, imagem (fotografia e vídeo) e som numa única narrativa. Tendo em vista que os produtos jornalísticos disponíveis na Internet são feitos com o auxílio de tecnologias fornecidas pela cibernética e que o jornalismo é praticado no - ou com auxílio do - ciberespaço, cunhou-se o termo “ciberjornalismo”. Por fim, o termo webjornalismo, que é adotado neste trabalho, diz respeito à interface web, uma parte específica da Internet na qual é disponibilizado o conteúdo jornalístico.

Considerando que o conceito de jornalismo está diretamente relacionado com o suporte técnico e o meio que difunde as notícias (Murad, 1999) nos parece que a palavra wejornalismo (Canavilhas, 2001; Mielniczuk, 2003; Ribas, 2004; Alzamora, 2004; Barbosa, 2005) é a que melhor se adéqua ao jornalismo feito na e para a Internet, mais especificamente, na parte da Internet denominada World Wide Web (CANAVILHAS, 2007, p. 08)³

Este trabalho entende o webjornalismo como a prática jornalística que utiliza as ferramentas da Internet para apurar e produzir conteúdos jornalísticos difundidos na Web, e que tem sua linguagem composta por textos, sons, imagens e animações conectadas entre si através de *links* (CANAVILHAS, 2007). É importante salientar que as definições aqui apresentadas não são excludentes e se aplicam tanto ao âmbito da produção, quanto ao da disseminação de informações. De acordo com Mielniczuk (2003), na rotina de um jornalista contemporâneo, estão atividades que se enquadram em todas as nomenclaturas. A autora exemplifica citando procedimentos como assistir uma reportagem gravada em fita VHS (jornalismo eletrônico), usar email para se comunicar com a fonte (jornalismo on-line), verificar dados armazenados no computador pessoal (ciberjornalismo), ler sítios noticiosos disponíveis na web (webjornalismo). As delimitações de cada termo podem ser observadas na FIGURA 1.

³ Considerando que el concepto de periodismo está directamente relacionado con el soporte técnico y el medio que difunde las noticias (Murad, 1999), nos parece que la palabra webperiodismo (Canavilhas, 2001; Mielniczuk, 2003; Ribas, 2004; Alzamora, 2004; Barbosa, 2005) es la que mejor se adecua al periodismo hecho en y para Internet, más específicamente, en la parte de Internet denominada World Wide Web. (CANAVILHAS, 2007, p. 08)

FIGURA 1- Esferas que ilustram a delimitação dos termos (MIELNICZUK, 2003; p. 44)



3.1 CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO

Ao estudar as marcas do jornalismo desenvolvido para a Internet, Palacios (1999 *apud* PALACIOS, 2003) enumera seis características para essa nova forma de fazer jornalismo: Multimídia/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Atualização Contínua/ Instantaneidade e Memória. No entanto, essas potencialidades não se traduzem, necessariamente, em aspectos efetivamente utilizados pelos sítios jornalísticos. São potências que são exploradas em maior ou menor grau de acordo com a conveniência do grupo jornalístico, capacidade técnica e adequação ao público do veículo. Diferentes sítios também podem optar por investir mais em uma ou outra característica.

A convergência dos formatos de mídia tradicional, a exemplo da imagem, do texto e do som, na narrativa de um fato jornalístico recebe o nome de Multimídia/Convergência. Ela é possibilitada pelo processo de digitalização da informação e posterior disponibilização em diferentes plataformas e suportes (PALACIOS, 2003). De acordo com Canavilhas (2013), a incorporação de outras mídias no texto do webjornalismo, implica mudanças na forma de redigi-los e no próprio desenho dos sítios e devem ser feitas de modo que se integrem ao texto e não funcionem apenas como dados complementares. No modelo por ele proposto para a

webnotícia, os elementos multimídia devem funcionar de modo a melhorar “a percepção de entendimento e a satisfação com a leitura⁴” (p. 98).

A Interatividade no webjornalismo pode acontecer de diversas formas. Em sua forma mais simples, ela está ligada à possibilidade de buscar conteúdos na web, o que pode conduzir o usuário a um *site* informativo. Mas essa complexidade pode aumentar, passando a referir-se à navegação através dos *links* oferecidos pelo próprio texto (CANAVILHAS, 2013; MACHADO, 1997 *apud* PALACIOS, 2003) e até mesmo à interação com outras pessoas, a exemplo da troca de *e-mails* entre leitor e jornalista, participação dos leitores nos comentários dos textos, em fóruns e *chats* (BARDOEL e DEUZE, 2000 *apud* PALACIOS, 2003; CANAVILHAS, 2013). Em síntese, quando um leitor se põe diante de um computador conectado à Internet e acessa um produto jornalístico, ele poderá interagir com a máquina, com o texto e com outras pessoas.

A possibilidade de interconectar diferentes textos e materiais noticiosos através de *links* é denominada Hipertextualidade. É graças a ela que o leitor pode estabelecer conexões com o a publicação. Os hipertextos possibilitam que, dentro das possibilidades oferecidas pelo produtor, cada usuário trace uma rota de leitura diferente, desse modo, ele adota uma postura ativa também perante a obra. Como mencionamos no capítulo anterior, o leitor tem papel ativo no processo comunicativo, sendo ele o alvo em constante evolução da instância produtiva. Agora além de atribuir significado ao texto, criando novos textos durante o processo de interpretação, o que acontece através da articulação com a gramática de reconhecimento, o leitor pode interagir com a matéria, criando outros textos, antes de interpretá-lo. Quando os hipertextos são ignorados, a leitura feita na *web* não apresenta qualquer distinção da leitura tradicional feita nas mídias impressas (CANAVILHAS, 2013).

Alguns sites noticiosos permitem que o usuário faça uma pré-seleção dos assuntos que lhe interessam de modo que quando a página do veículo seja acessada, o leitor tenha acesso imediato àquele tipo de conteúdo previamente selecionado. Esse recurso disponível no webjornalismo recebe o nome de Customização do conteúdo ou personalização. Também pode ser considerada como personalização, a definição da rota de leitura através dos hiperlinks. Ao navegar pelos hiperlinks, leitor não só interage com o texto como cria seu próprio percurso de leitura, fazendo, desse modo, uma leitura personalizada.

⁴ (...) la percepción de comprensión y la satisfacción con la lectura.

A facilidade de produção e de disponibilização oportunizada pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, junto com a rapidez de acesso, permite uma extrema agilidade de atualização dos conteúdos do webjornalismo. Com isso, o jornalista pode fazer um acompanhamento contínuo do desenvolvimento de assuntos jornalísticos de grande interesse (PALACIOS, 2003). É devido à possibilidade de atualização contínua que grande parte dos produtos jornalísticos para a web costuma informar ao leitor o dia e hora de publicação do texto e também da última atualização. Dessa forma, o usuário pode se certificar de que tem acesso ao relato mais recente sobre o evento.

Por fim, cumpre falar sobre o aspecto documental do jornalismo que é potencializado pelo webjornalismo. É sabido que o trabalho jornalístico sempre teve um papel importante na reconstituição dos fatos históricos de um país, sendo um importante aliado no trabalho de historiadores. Os grandes jornais sempre tiveram uma seção de arquivo que poderia ser consultada pelo jornalista para produção de uma reportagem mais densa. Porém, com o webjornalismo essa memória é potencializada e o volume de informação disponível ao jornalista e ao leitor cresce exponencialmente (PALACIOS, 2003). As bases de dados têm importância fundamental nessa mudança. Voltaremos a falar delas quando tratarmos das fases de desenvolvimento do webjornalismo.

Palácios (2003) acredita ser impossível produzir jornalismo em rede “sem recurso contínuo e sistemático à Memória coletivamente produzida”. Ainda segundo ele, a combinação de Memória com Instantaneidade, Hipertextualidade e Interatividade e a inexistência de limitações de armazenamento de informações potencializam de tal forma a Memória que é criada uma ruptura com relação aos suportes anteriores, abrindo possibilidades tanto para os usuários, quanto para os produtores. Também é interessante ressaltar que, com a digitalização da informação, a Memória já acumulada pelos jornais impressos, rádios e TV's tem sido paulatinamente digitalizada, o que possibilita sua disponibilização na Web.

É importante ressaltar que algumas das características presentes no webjornalismo podem ser observadas, de alguma forma, nos suportes jornalísticos anteriores: a TV é um exemplo de Multimedialidade/Convergência por reunir imagem, som e texto; da mesma forma, a especialização nas grades de programação e a criação de emissoras especializadas exemplifica a personalização no rádio e na TV; no impresso essa característica pode ser observada através dos cadernos especializados. Desse modo, a grande ruptura com os suportes anteriores feita

pela webjornalismo estaria na perda dos limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem para disponibilizar o material noticioso, o que é possível quando se faz uso de bancos de dados. Outro ponto importante acerca do webjornalismo é que ele possibilita a combinação de todas as características aqui apresentadas potencializadas (PALACIOS, 2003).

Utilizadas da maneira adequada, as potencialidades presentes do webjornalismo podem contribuir para o enriquecimento da narrativa e fornecer ao leitor uma pluralidade informativa. Os hiperlinks, por exemplo, podem ser usados para conectar a notícia principal com outros textos que abordem outros aspectos do tema central. Esses textos podem ser matérias já publicadas pelo veículo (sua memória) ou novos textos redigidos a fim de complementar a abordagem da temática, dando-lhe diferentes enfoques. Utilizando o recurso da multimídia, o jornalista pode inserir no texto fotos, vídeos, áudios e/ou infográficos que ajudem o leitor a compreender melhor o objeto em questão ou que traga informações relevantes que não estão no texto escrito. Essas são só algumas formas através das quais o jornalista pode enriquecer seu texto, utilizando as potencialidades da web.

3.2 AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DO WEBJORNALISMO

As pesquisas sobre o jornalismo praticado para Internet apontam para a existência de cinco fases distintas de evolução da prática profissional. Mas é importante ressaltar que não há uma uniformidade no estágio de evolução dos diferentes veículos. Dessa forma, uma pesquisa empírica poderá demonstrar que diferentes veículos se encontram em conformidade com as características de diferentes fases. As contribuições acerca do que seriam as três primeiras gerações do webjornalismo nos são dadas por autores como Pavlik (2001), Silva Jr (2002) e Palacios (2002); e Barbosa (2004; 2013) acerca das duas últimas.

O primeiro estágio do webjornalismo foi marcado pela transposição do conteúdo dos sites para a plataforma web. “O que era chamado então de jornal *online* na web não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias” (MIELNICZUK, 2003, p. 48). Os produtos dessa fase eram cópias do conteúdo existente no jornal impresso,

ocupava-se o espaço na *web* sem exporá-lo enquanto um suporte com características específicas.

Na segunda geração, o jornal impresso é utilizado como metáfora para a elaboração das interfaces dos produtos. Aqui começam a haver algumas experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela rede. Mielniczuk cita o uso de *links* com chamadas para notícias de fatos que ocorriam no período entre as edições e o uso do e-mail como ferramenta de comunicação entre leitor e jornalista como exemplos da tentativa de exploração. Entretanto, o veículo web ainda se encontra extremamente atrelado a um modelo impresso e também às empresas jornalísticas cuja credibilidade e rentabilidade estavam associadas ao jornalismo impresso.

Canavilhas (2007) defende que para as duas primeiras fases do jornalismo na web é aceitável a terminologia “jornalismo *online*” já que, em ambos as fases, apenas é oferecido o texto jornalístico em um novo meio, sem que haja alterações na linguagem. Essas alterações acontecem na terceira fase. De acordo com Pavlik (2001 *apud* MIELNICZUK, 2003), o aspecto mais importante dessa nova fase são as experimentações das novas formas de *storytelling*, como narrativas imersivas que permitem ao leitor navegar através da informação em multimídia.

Na terceira fase surgem as iniciativas empresariais e editoriais voltadas exclusivamente para a Internet. “Nos produtos jornalísticos desta geração, é possível notar tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela *web* para fins jornalísticos” (MIELNICZUK, 2003, p. 50). Entre outros recursos, observa-se a utilização de recursos multimídia - como sons e animações - que enriquecem a narrativa; recursos de interatividade, como *chats* com a participação de personalidades públicas, enquetes e fóruns; e a possibilidade do usuário/leitor configurar o produto de acordo com seus interesses.

Em comparação com a segunda fase, percebe-se que o terceiro momento de desenvolvimento do webjornalismo tem as características do digital mais evidentes, por isso, Canavilhas (2007) consideraria “jornalismo digital” o melhor termo para descrever essa fase. No entanto, o autor reconhece que o recurso à tecnologia digital não é exclusividade do jornalismo feito para a

Internet e afirma que “o termo *jornalismo digital* não é suficientemente específico para designar o jornalismo na Web” (CANAVILHAS, 2007, p. 04)⁵.

3.2.1 Jornalismo em base de dados

De acordo com Barbosa (2005), o emprego de bases de dados é um aspecto fundamental para a terceira geração do jornalismo para Internet. Aliadas à Internet e ao desenvolvimento de linguagens dinâmicas, as bases de dados permitem a estruturação das informações de modo combinatório, apresentado-as de forma flexível e conforme os requerimentos do usuário ou das conexões ativadas por ele na navegação. “Assim, as bases de dados podem ser entendidas como o aspecto que torna o produto digital uma experiência mais autêntica e envolvente para o usuário” (*ibidem*, p. 02). Para Manivich (2001 *apud* BARBOSA, 2005), as bases de dados desempenham três funções simultâneas e complementares: formato para estruturação da informação; suporte para modelos de narrativa multimídia; e memória dos conteúdos publicados.

O pesquisador português Antônio Fidalgo apresenta o conceito de resolução semântica (2004) para definir o efeito das bases de dados no trabalho jornalístico. Segundo ele, da mesma forma que uma imagem digital aumenta qualidade com o aumento do número de pixels por centímetro quadrado, a pluralidade e a diversidade das notícias *online* sobre um evento aumentam a informação sobre o mesmo, aumentando assim, a resolução semântica.

Uma primeira notícia sobre um acontecimento, que à partida surge com um determinado sentido, pode ser complementada, alterada, corrigida, à medida que outras notícias sobre o mesmo acontecimento se lhe seguem. O que, de início, tinha contornos indefinidos, deixando múltiplas hipóteses em aberto, vai ganhando sucessivamente formas cada vez mais definidas (...) À medida que forem chegando notícias subsequentes, a notícia do que ocorreu vai ganhando forma, ou seja, aumenta a sua resolução semântica (FIDALGO, 2004, p.03).

As bases de dados possibilitam que a organização do produto jornalístico para Internet seja feita e refeita de acordo com os critérios de consulta do leitor. No entanto, muitos jornais não usam base de dados. Fidalgo (2004) explica assim a diferença entre *links* e base de dados:

⁵ (...) el término *periodismo digital* no es lo suficientemente específico para designar el periodismo en la Web

O que simplifica os jornais on-line são as relações hipertextuais que permitem consultas rápidas e cómodas de matérias associadas com a notícia em causa. Porém aqui as relações ou links estão previamente estabelecidos, são estáticos. Numa base de dados, ao contrário, apenas se cria o tipo de relação deixando em aberto quais os correlatos dessas relações. No hipertexto temos ligações de página a página, na base de dados temos relações de campos, podendo cada campo comportar um número aberto de páginas (FIDALGO, 2004, p.03)

De acordo com Barbosa (2013) as bases de dados são elementos estruturantes para o webjornalismo no terceiro e quarto estágio de desenvolvimento. Elas atuam na pré-produção, produção, disponibilização, consumo e pós-produção dos produtos jornalísticos, e também são um aspecto-chave para criação de *sites* noticiosos dinâmicos. Segundo a autora, isso aponta para a existência de um modelo, o Paradigma Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD), que estaria se expandindo em sucessivas apropriações e demarcando distinções para os meios, operando em conformidade com a lógica da multiplataforma e como importante agente no processo de convergência.

A quarta geração ou a quarta fase de desenvolvimento do webjornalismo é marcada pela consolidação das BDs como elemento estruturante da atividade jornalística e como significativo agente no processo de convergência jornalística. Também se observa a existência de equipes mais especializadas; o desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos (SGC) mais complexos e baseados em *softwares* e linguagens de programação com padrão *open source*; proliferação de plataformas móveis, a exemplo de *Smartphones* e *tablets*; consolidação do uso de *blogs*, narrativas multimídias; utilização de recursos como RSS (*Really Simple Syndication*) para recolha, difusão e compartilhamento de conteúdos; e ampla adoção do vídeo em *streaming* (BARBOSA, 2009).

As mídias móveis são agora apontadas como os agentes responsáveis pela reconfiguração na produção, publicação, distribuição, circulação, recirculação, consumo e recepção dos conteúdos jornalísticos. Elas também são as propulsoras de um ciclo de inovação através do qual surgem os aplicativos jornalísticos para *Smartphone* e *tablets*. As mídias móveis possuem uma gramática própria, práticas de produção, dinâmicas de consumo e modelos de negócio específicos. É nesse contexto que se fala num quinto estágio de desenvolvimento do jornalismo para a Internet (BARBOSA, 2013)

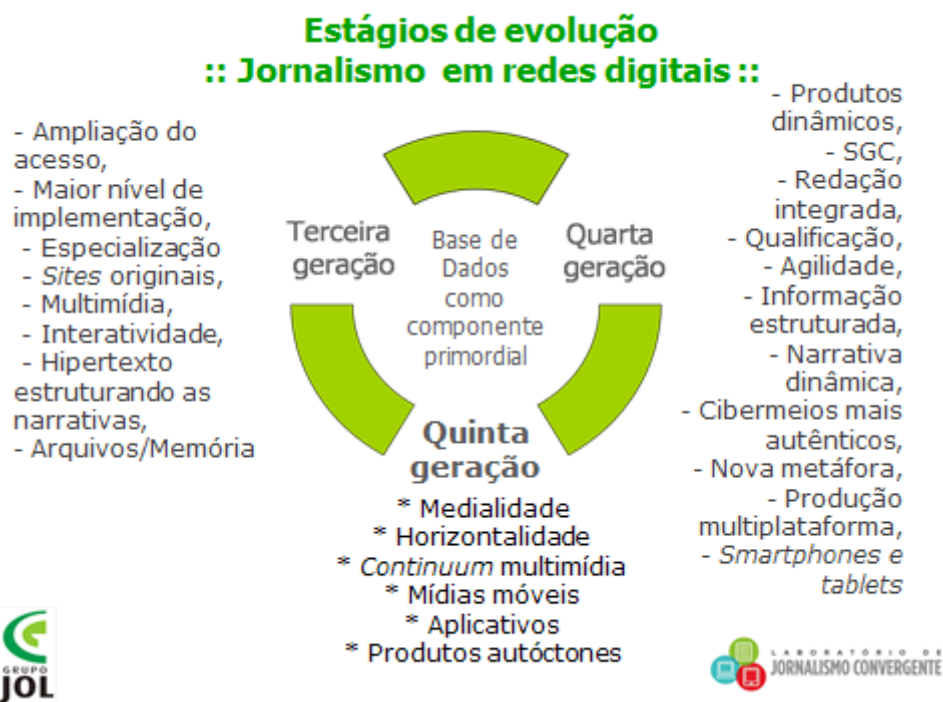
O quinto estágio do desenvolvimento do webjornalismo também é marcado pela ideia de um *continuum* multimídia. O conceito está ligado ao fluxo comunicacional horizontal e dinâmico estabelecido a partir das redações multimídias, gestão editorial multiplataforma,

multimedialidade para os conteúdos e mídias móveis com gramática própria, práticas de produção, dinâmicas de consumo e modelos de negócio específicos:

Os traços constitutivos incluem a própria medialidade, a horizontalidade como marca para o processamento dos fluxos de informações por entre as distintas plataformas (impresso, pdf/page flip, web, operações mobile: smartphones, tablets, redes sociais), com integração de processos e produtos no continuum multimídia dinâmico. (BARBOSA, 2013, p. 41)

A FIGURA 02 nos apresenta um resumo dos traços característicos dos três últimos estágios de desenvolvimento do jornalismo para a Internet, a saber: a terceira, quarta e quinta gerações de desenvolvimento da prática.

FIGURA 02 - Caracterização de estágios de evolução do jornalismo em redes digitais (BARBOSA, 2013, p. 42)



3.3 O TEXTO NO WEBJORNALISMO

Para que se possa efetuar uma análise do material informativo disponibilizado pelo webjornalismo, é preciso considerar toda a pluralidade informativa que um texto jornalístico

nessa plataforma pode conter. Vimos que dentre essas possibilidades estão os *links*, conteúdo multimídia - áudio, vídeo, fotos - e a participação dos leitores por meio dos comentários. Ao considerar essa multiplicidade de informações presentes numa única matéria significativa, reposicionamos o sentido de texto. Ele não mais deve ser entendido como a sucessão de caracteres. Para a proposta deste trabalho, adotamos o conceito de texto, enquanto matéria significativa, não apenas como a notícia, mas também como a realidade textual que interage nas frentes discursivas. Essa foi uma escolha metodológica já adotada por Dalmonte (2009) no trabalho em que ele aplica procedimentos de investigação da Análise do Discurso no webjornalismo.

Genette (1982; 1987 *apud* DALMONTE, 2009) nos apresenta o conceito de paratexto que é de fundamental importância para dar conta da multiplicidade informativa existente no webjornalismo. Na perspectiva paratextual, o texto é ampliado pelos elementos que o envolvem, elementos pós e pré-textuais, e também pela rede de comentários, especializados ou não. Esses elementos são oriundos de um conjunto marcado pela diversidade de práticas e discursos que confluem para a formação do sentido da obra num contexto mais amplo. É importante ressaltar que essas reflexões estão ligadas à literatura e à tradição do livro, entretanto as vias e modos do paratexto sofrem modificações constantes a partir das épocas, culturas e gêneros. “A partir da premissa de que não existe texto sem paratexto, tal realidade abre uma série de questões quando se pensa nas potencialidades abertas pelas novas mídias” (DALMONTE, 2009, p. 129).

Dentro dos estudos do jornalismo praticado para a Internet, os autores Palacios e Mielniczuk (2001) defendem a ideia de que o *link* exerce funções paratextuais, conforme propõe Genette ao ser um elemento que: apresenta o texto principal; oferece a transação entre o mundo do leitor e o mundo do texto; realiza a transição entre esses dois mundos; situa-se nas fronteiras do texto principal e estabelece os limites do mesmo. Segundo Genette (1987 *apud* DALMONTE, 2009), os elementos que constituem o paratexto correspondem a três tipos de manifestações: icônicos (ilustrações), materiais (decorrentes das escolhas tipográficas, por exemplo) ou factuais (a indicação do autor a um prêmio). Já os paratextos podem ser de duas modalidades: peritexto e epitexto.

O peritexto diz respeito aos elementos que estão diretamente ligados ao texto e representam a continuidade de um posicionamento discurso. O título, nome do autor, intertítulos

correspondem a elementos dessa natureza. No jornalismo, será marcante a assinatura do texto pelo profissional, um indicativo de prestígio. O epitexto, por outro lado, será todo elemento paratextual que não se encontra materialmente ligado ao texto. Dentro dessa modalidade estão incluídos as resenhas, comentários, críticas, declarações e todos os outros textos que criam um nível de discussão acerca da obra e também as anotações do leitor que não chegam a compor o texto publicizado.

Tendo em vista que a análise aqui a ser feita, tem especial interesse em estudar como o discurso é produzido nos textos do webjornalismo, dando especial atenção ao discurso jornalístico, não nos ateremos aos epitextos produzidos a partir das matérias analisadas. Isso significa que a análise não contemplará a participação dos leitores através dos comentários e as outras formas de epitextos que venham a ser observadas durante o processo de análise. Aqui nos interessa perceber como o profissional jornalista articula os recursos disponíveis no webjornalismo para construção do discurso e como esse discurso varia nos diferentes veículos. Por isso, teremos especial atenção aos elementos que constituem a narrativa jornalística na web, aos chamados peritextos.

4. A COBERTURA DO PROJETO BOA SORTE NO WEBJORNALISMO

Segundo relatório da Unaid, entre os anos de 2000 e 2014, o número de infecções por HIV no mundo diminuiu 35,5%. Entretanto, no Brasil esse número cresceu no mesmo período. De acordo com dados do Boletim Epidemiológico de Aids de 2014 do Ministério da Saúde, nos últimos 10 anos o maior crescimento de novos casos – 53,2% - foi entre homens de 15 a 19 anos. Esses dados apontam para a importância de promover uma maior discussão sobre HIV e renovar as ações de conscientização principalmente entre os jovens. É nesse sentido que é criado o projeto Boa Sorte, iniciativa do ator brasileiro Gabriel Estrêla.

Gabriel recebeu diagnóstico de que é portador do vírus aos 18 anos e, aos 23, optou por revelar sua condição e tentar ajudar outros jovens. Colocando o tema em discussão, ele pretendia combater o preconceito contra os soropositivos através da informação. O projeto foi lançado em julho de 2015 através de uma postagem na rede social *Facebook* e previa a realização de um musical autobiográfico, onde o ator, que também assina o texto e a direção do espetáculo, conta um pouco de sua história depois do diagnóstico; a realização de um ensaio fotográfico; e a divulgação de material informativo através das redes sociais. A iniciativa repercutiu e foi pauta em veículos na Internet.

No presente trabalho, vamos analisar como os *sites* articulam os recursos disponíveis na plataforma web para construir um discurso sobre o tema, também observaremos de que modo a discussão acontece nos textos e, em que medida, o objetivo do idealizador do projeto é concretizado nos veículos informativos.

4.1 ETAPAS DA PESQUISA

Antes de nos debruçarmos sobre a análise da mostra, cumpre narrar o percurso que nos trouxe a esta pesquisa. Nosso primeiro contato com a Análise do Discurso acontece no segundo semestre da graduação ao participar, como bolsista, do Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania da Faculdade de Comunicação da UFBA (CCDC). O projeto analisa a violação dos

Direitos Humanos na mídia e, naquela edição, trabalhava com os jornais impressos *Correio** e *Massa!* e os programas de televisão *Na Mira* e *Se Liga Bocão*.

A partir da experiência no CCDC, surge o interesse pela leitura crítica dos discursos e ideologias produzidos e reproduzidos pela mídia. Um exercício importante já que é o jornalismo o principal responsável por conectar o público aos eventos, oferecendo um relato objetivo e envolto pela áurea de credibilidade que logra a atividade; mediando assim a percepção de mundo e contribuindo para a formação da opinião pública. Perceber como a produção jornalística se posiciona, principalmente nos temas que requer atenção pública, parece-nos de grande relevância para que se esboce um diagnóstico da atividade jornalística.

4.1.1 Escolha do tema

O volume de trabalhos em Análise do Discurso que estudam o posicionamento discursivo da mídia em matérias ligadas às minorias sociais foi um dos fatores que nos impeliu a, na medida do possível, tentar fazer algo novo. Também contribuiu para a escolha a vontade de estudar um pouco mais sobre a plataforma da Internet, que oferece inúmeras possibilidades de enriquecimento dos produtos jornalísticos e a importância de se colocar em discussão um tema tão delicado e cercado de preconceitos como é o HIV. Durante o período de escolha da temática surgiam na mídia notícias acerca do “clube do carimbo”, grupo de pessoas que transmitiam propositalmente o vírus e tempos depois o projeto Boa Sorte foi lançado. Enxergamos no projeto uma oportunidade de debater a temática de uma maneira clara e direta optamos por fazer parte desse debate através desta pesquisa.

Neste trabalho, a Internet desempenha um importante papel ao nos aproximar do nosso objeto de pesquisa. Tendo em vista o critério de noticiabilidade que prioriza a divulgação de fatos próximos à área de abrangência dos veículos jornalísticos e o fato de que o idealizador do projeto é brasileiro, encontrar material sobre o projeto em outras plataformas seria uma tarefa bastante árdua. Ao mesmo tempo, as características do webjornalismo descritas no capítulo 2 dão ao jornalista a possibilidade de tratar o tema com maior profundidade e munir o leitor de uma diversidade de informações viabilizada pelo uso de *links*, vídeos, áudios e fotos.

Em outras palavras, teríamos na web o ambiente ideal para a discussão de temas que requerem esclarecimento. Isso aconteceria por conta da maior diversidade de recursos disponíveis nessa plataforma e, sobretudo, pela ausência do imperativo do tempo e do espaço tão categóricos nas outras mídias.

Com um tema de interesse e um ambiente “ideal” onde esse tema poderia ser discutido, o passo seguinte era nos munir de material para análise. Constituir o *corpus*.

4.1.2 Da constituição do *corpus*

Após definirmos o tema do trabalho, partimos para a constituição do *corpus*: as matérias sobre o projeto Boa Sorte. Alguns textos foram encontrados na página do projeto no *Facebook*, o que facilitou o processo. Para localizar as demais publicações, utilizamos a ferramenta Alertas do Google. Criamos alertas para os termos “projeto Boa Sorte” e “Gabriel Estrêla. O parâmetro do primeiro alerta, entretanto, mostrou-se ineficaz, apresentando muitos resultados que não condiziam com o foco deste trabalho: resultados que levavam em conta apenas o texto “projeto”, outros apenas a expressão “boa sorte”. Por esse motivo descartamos o alerta, mantivemos apenas o aviso para “Gabriel Estrêla” e as pesquisas feitas diretamente no site de busca.

Poderíamos ter definido alguns webjornais sobre os quais realizar esse estudo. Isso nos possibilitaria um estudo mais aprofundado dos traços de cada um. No entanto, corríamos o risco de não encontrar material suficiente sobre o objeto em análise e também perderíamos a oportunidade de traçarmos um panorama geral sobre a cobertura. Por esse motivo, optamos por focar a análise sobre a cobertura geral do projeto, tendo assim a oportunidade diagnosticar a relevância que a ele teria sido dada também através da diversidade de veículos que o pautou.

Diante do volume de material resultante dos mecanismos adotado para coleta, foi preciso fazer uma triagem daquilo que interessaria ao trabalho. Começamos por dispensar as matérias em que o Gabriel aparecia como fonte, mas não para falar do projeto e sim sobre ativismo e a vida com o vírus. Em razão do Dia Mundial de Luta Contra a Aids, 1º de dezembro, foram produzidas algumas matérias sobre o tema e, como à essa altura o ator já havia divulgado sua

condição, ele foi fonte de algumas matérias. Em seguida, dispensamos os textos publicados em *sites* não jornalísticos. Aqui, entendemos os jornalísticos como sendo aqueles frutos de iniciativa privada, cujo produto é resultado do trabalho de um profissional jornalista e para o qual se pode definir uma linha editorial. Dispensamos então os conteúdos de *blogs*, *sites* de instituições públicas e privadas cujo produto final não é a notícia, ONG's e etc.

Ainda durante a seleção do material para análise, optamos por descartar os textos que tinham como fonte o material produzido por outros *sites* e também aqueles redigidos para divulgar outra produção jornalística, exemplo de matérias acerca de uma entrevista que o idealizador do projeto teria dado a uma emissora de rádio do mesmo grupo do portal. Além disso, para viabilizar a análise, não inserimos no *corpus* as matérias acerca do ensaio fotográfico que também compõe o projeto. Ao final da triagem, o volume inicial de 64 matérias foi reduzido a sete, publicadas em diferentes veículos, e que compõem o material analisado por esta pesquisa. É importante esclarecer que, em muitos casos, dois ou mais critérios contribuíram para que um texto fosse desconsiderado para os fins da pesquisa.

A análise será feita em cima das notícias publicadas pelos *sites* Brasil Post⁶, Correio Braziliense⁷, DF Agora⁸, Extra Online⁹, G1¹⁰, R7¹¹ e Uol¹².

⁶ Disponível em <http://www.brasilpost.com.br/2015/07/24/gabriel-estrela-boa-sorte_n_7834622.html>. Acessado em 22 de março de 2016

⁷ Disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/07/28/interna_diversao_arte,492198/estudante-da-unb-mistura-ficcao-e-realidade-para-falar-de-hiv.shtml>. Acessado em 22 de março de 2016

⁸ Disponível em <<http://dfagora.com/brasiliense-monta-musical-sobre-o-viver-com-hiv-e-revela-sua-sorologia/>>. Acessado em 22 de março de 2016

⁹ Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/diretor-de-teatro-cria-musical-baseado-em-sua-luta-contrahiv-17237435.html>>. Acessado em 22 de março de 2016

¹⁰ Disponível em <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/08/jovem-soropositivo-do-df-escreve-musical-sobre-experiencia-com-hiv.html>>. Acessado em 22 de março de 2016

¹¹ Disponível em <<http://noticias.r7.com/distrito-federal/ator-de-brasilia-revela-ser-soropositivo-em-musical-que-counta-os-momentos-vividos-por-quem-tem-hiv-13092015>>. Acessado em 22 de março de 2016

¹² Disponível em <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/19/ator-soropositivo-transforma-historia-pessoal-em-espetaculo-de-teatro.htm>>. Acessado em 22 de março de 2016.

4.2 ANÁLISE DA REGULARIDADE DOS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DO WEBJORNALISMO NO *CORPUS*

Antes de apresentarmos os resultados da observação da aplicação das características do webjornalismo nos textos analisados por esta pesquisa, faz-se necessário esclarecer algumas escolhas feitas. É preciso dizer que consideramos a interatividade em suas três dimensões: interatividade com o texto, com o jornalista e com outros leitores. Também consideramos personalização a possibilidade de traçar uma rota de leitura diferente da predefinida pelo jornalista, o que se faz através da navegação nos *hiperlinks*. É bem verdade que esse parece ser o único aspecto da personalização capaz de ser identificado através da análise pura e simples dos textos e não da estrutura dos *sites* como um todo. Uma vez que os *hiperlinks* atrelados à notícia sejam disponibilizados no final do texto, numa seção “Leia mais”, por exemplo, não consideramos que ele interfira o curso da leitura. Desse modo, desacreditamos na possibilidade de personalização no texto assim descrito.

O diagnóstico da análise do uso dos elementos característicos do webjornalismo evidenciou, nas matérias, uma pobreza na exploração de tais recursos. A multimídia, a interatividade e a hipertextualidade estiveram presentes em todos os textos. Entretanto, é preciso enfatizar a precariedade com que a aplicação das mesmas é feita. Em seis das sete notícias que compõem o *corpus* da pesquisa, a aplicação da multimídia se restringe ao uso de fotografias. Somente no Brasil Post observamos o emprego de vídeos, ainda assim mais como elementos ilustrativos que informativos. São eles o vídeo da música Boa Sorte, que dá nome ao projeto, e um trecho do musical *Rent*, que o ator ensaiava quando foi diagnosticado com HIV.

O uso de *hiperlinks* no corpo dos textos também é deficiente. O recurso não é utilizado no corpo dos textos publicados pelos *sites* Correio Braziliense, R7, Uol e G1, seu uso se restringe às seções que vinculam a matéria a outras correlatas. Nos três primeiros portais, as notícias sugeridas pelos *sites* têm uma correlação inusitada com a matéria sobre o projeto Boa Sorte. No Correio Braziliense, são matérias referentes ao teatro e às artes: “Mapati comemora 25 anos de criação com espetáculo e programação infantil”; “Crônica: o teatro positivo e invisível de Brasília”; e “Documentário sobre maestro Cláudio Santoro está no Festival de Brasília”. Esse fato se justifica pela escolha do veículo em publicar o texto na editoria

“Diversão e Arte”. Fato similar acontece no portal Uol, onde a matéria sobre o projeto integra a editoria “Entretenimento”. Ainda sobre o Correio Braziliense, é preciso ressaltar que o site não disponibiliza todo o conteúdo produzido. A matéria completa está disponível apenas para assinantes. No portal R7 os textos sugeridos em “Notícias relacionadas” dizem respeito ao ramo das artes e ao espaço geográfico do evento narrado pelo texto principal.

FIGURA 03 - Print dos *hiperlinks* disponibilizados pelo *site* Correio Braziliense

Saiba mais

	Mapati comemora 25 anos de criação com espetáculo e programação infantil	<p>“O direito ao sigilo ainda é importantíssimo, já que muita gente sofre com o preconceito ainda forte. A orientação que recebemos, a princípio, é de manter segredo, para nos proteger de respostas negativas em um momento que já nos deixa fragilizados”, reconhece. Ainda assim, incentivado pela forte resposta artística que surgiu no início da epidemia, nos anos de 1970, criou o projeto, baseado em ações sociais e artísticas. “O que eu espero conseguir é sensibilizar o maior número de pessoas possível”, conta o ator.</p> <p>Segundo relatório da Unaiids, divulgado no último dia 14, o número de infecções no mundo diminuiu</p>
	Crônica: O teatro positivo e invisível de Brasília	
	Documentário sobre maestro Claudio Santoro está no Festival de Brasília	

No Brasil Post, no Extra Online e no DF Agora o único *link* que compõe o corpo do texto direciona o leitor para fora do *site*, levando-o à página do projeto no *Facebook*. Entretanto, por meio da seção “Leia mais”, o Extra Online oferece ao leitor uma pluralidade de conteúdos, existentes no site, que auxiliam o leitor a completar as informações sobre o tema. São disponibilizados cinco *links* de notícias ligadas ao HIV e ao preconceito: “Aids: de doença desconhecida a epidemia ‘perto’ do controle”; “Índios ganham cartilhas para prevenção de Aids na Amazônia”; “Jovens relatam ter sido vítimas de agressão motivada pela homofobia”; “Cresce busca por droga que evita risco de Aids após relação insegura”; e “Governo quer distribuir gratuitamente remédio preventivo que evita infecção por HIV”. Matérias com a mesma natureza são disponibilizadas pelo portal G1, através da seção “saiba mais”: “Rede pública do DF passa a oferecer ‘3 em 1’ para pessoas com HIV/Aids”; “Tratamento contra HIV com antirretrovirais cresce 30% em 2014”; e “Jovens representam 37% dos novos casos de Aids no DF, diz Saúde”.

Cumpra-se ressaltar que ambos os *sites* pertencem ao mesmo conglomerado de mídia: Grupo Globo. Ambos estão sujeitos ao mesmo quadro de constrangimentos e às regras estabelecidas pelo grupo em questão, em especial os Princípios Editoriais que norteia a atuação de todos os veículos integrantes do conglomerado. Sendo assim, nas análises feitas nesses dois veículos teremos o Grupo Globo como emissor empírico, que opera na condição de produção constitutiva dos discursos e os veículos como emissores discursivos, construídos e posicionados institucional e discursivamente. Arranjo similar foi observado na pesquisa realizada por Ivanise Andrade (2016), na qual ela estuda como O Globo e Extra Online, ambos jornais pertencentes ao Grupo Globo se posicionam e constroem sentido da violência envolvendo crianças e adolescentes.

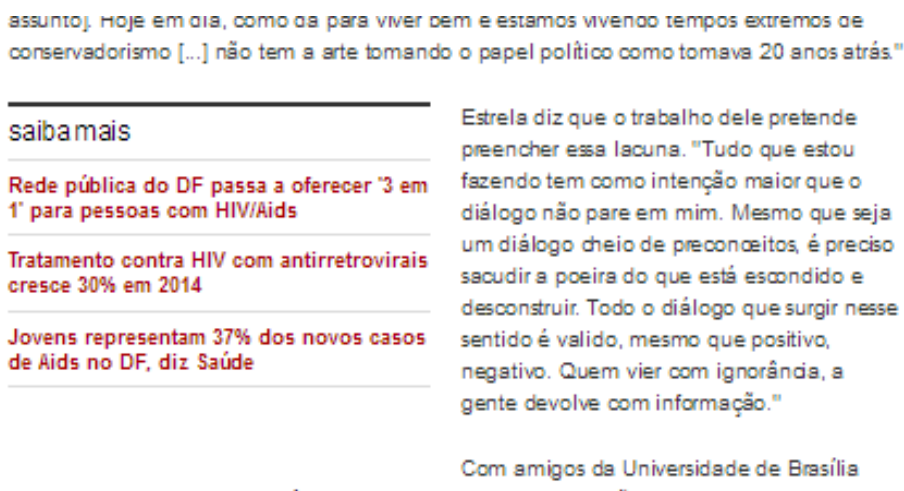
FIGURA 04 - Print dos *hiperlinks* disponibilizados no texto do Extra Online ¹³



The screenshot shows the Extra Online website interface. At the top, the 'EXTRA' logo is on the left, and a red navigation bar contains the words 'CAPA', 'NOTÍCIAS', 'POLÍCIA', 'EMPREGO', and 'FAMOSOS'. Below the navigation bar, the main content area features a large portrait of Gabriel Estrêla, a man with a beard and mustache, wearing a black t-shirt and a necklace with a pendant. To the left of the main image is a sidebar titled 'Leia mais' (Read more), which contains five news items, each with a small thumbnail image and a headline. The headlines are: 'Aids: de doença desconhecida a epidemia 'perto' do controle', 'Índios ganham cartilha para prevenção de Aids na Amazônia', 'Jovens relatam ter sido vítimas de agressão motivada por homofobia', 'Cresce busca por droga que evita risco de Aids após relação insegura', and a partially visible one at the bottom. Below the main image, the author's name 'Júlia Zarella' is visible, followed by a text size adjustment tool with three 'A' icons. The beginning of the main article text is visible at the bottom: 'O diretor teatral e ator goiano Gabriel Estrêla, de 23 anos, foi'.

¹³ Devido ao tamanho da página e limitações do software utilizado para captura das imagens, não conseguimos colocar o *hiperlink* da matéria “Governo quer distribuir gratuitamente remédio preventivo que evita infecção por HIV” na imagem.

FIGURA 05 - Print dos *hiperlinks* disponibilizados no texto do G1



O acesso a outros textos, no *site* Brasil Post, é possibilitado pelas *tags*, palavras-chaves. Elas agrupam conteúdos já disponíveis no portal e conteúdos que serão produzidos após a publicação do texto, mas que por meio das palavras-chaves são conectados. Diferente das notícias oferecidas pelos *hiperlinks*, as *tags* impõem maior dinamicidade ao acesso de conteúdos que complementam a notícia principal, revelando o uso de base de dados pelo *site*. Por outro lado, tanto os *hiperlinks* quanto as palavras-chaves possibilitam que o leitor acesse a memória dos veículos. Este recurso apenas não foi identificado no texto publicado no DF Agora.

A interatividade presente no uso dos *hiperlinks*, que permite ao leitor interagir com o texto, também foi observada através da possibilidade de comentar o produto jornalístico. Dentre os *sites* que integram o *corpus* desta pesquisa, o R7 é o único onde o leitor não pode participar por meio de comentários. No Brasil Post, por outro lado, o leitor tem facilidade de interação. Para comentar nas publicações, é preciso ter uma conta no *Facebook*. O *site* utiliza o *plugin* de comentários da rede social, o que possibilita que qualquer usuário desta rede possa comentar diretamente no espaço reservado para esse fim, o "Conversas". Os usuários também podem interagir com os comentários, curtindo, respondendo e também censurá-los através das opções "Recolher comentário", "Marcar como spam" e "Denunciar ao Facebook". O botão "Sugerir uma correção" também é outra possibilidade de interação no *site*. Através dele, o leitor pode apontar erros nos textos, problemas com moderação dos comentários e outros. Para isso, é obrigatória a identificação por nome e e-mail e descrição do erro.

O *Facebook* também pode ser usado para postar comentários no G1 e no Uol. Além do cadastro exclusivo do respectivo *site*, os leitores podem fazer *login* através da rede social, comentar o texto e interagir com os outros comentários. No G1 é possível demonstrar aprovação ou desaprovação pelos comentários, além de compartilhá-los através das redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Google+*. No Uol também é possível responder aos comentários. Nos dois *sites* é possível organizar os textos de acordo com a popularidade. Em todos os sites que aceitam comentários dos leitores, exceto o DF Agora, o leitor pode contribuir com a moderação através do botão “denuncie”. No Uol a denúncia pode ser feita de forma anônima.

Em três dos sete *sites* - DF Agora, R7 e Uol - não foi registrada qualquer atualização no texto. As informações disponíveis na página davam conta apenas da data e hora de postagem. O texto publicado pelo Extra Online sofreu alteração no dia seguinte ao da postagem, nos demais veículos, a notícia foi atualizada horas depois. A tabela abaixo descreve a distribuição das características do webjornalismo de acordo com os veículos.

TABELA 1 - Elementos característicos do webjornalismo de acordo com os veículos

Veículo /Característica	Brasil Post	Correio Braziliense	DF Agora	Extra	G1	R7	Uol
Multimedialidade	X	X	X	x	x	x	x
Interatividade	X	X	X	x	x	x	x
Hipertextualidade	X	X	X	x	x	x	x
Personalização	X	X	X	x	x		
Atualização	X	X		x	x		
Memória	X	X		x	x	x	x

4.3 ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO DADO AO PROJETO BOA SORTE

O objetivo deste tópico é mensurar de que modo e quais os enquadramentos foram dados ao projeto. Esta análise foi feita a partir do estudo dos textos e também da observação da editoria na qual foi publicado em cada veículo. De modo geral, observou-se que os textos giravam em

torno da história do Gabriel Estrêla e de como a partir de sua vivência ele cria o projeto Boa Sorte. Por essa razão, acredita-se ter sido “interesse humano” o valor notícia que motivou a divulgação do projeto. O aprofundamento na questão do HIV, quando houve, se deu através da disponibilização dos *hiperlinks* de outros textos. Foi o que aconteceu nos textos publicados pelos sites Extra Online e G1, como pode ser observado nas FIGURAS 4 e 5 do tópico anterior.

No geral, observa-se pouco aprofundamento dos veículos sobre o tema HIV, prevenção ou acerca da vida com o vírus nas matérias analisadas. Excetuando a matéria do Correio Braziliense, que utiliza dados do relatório da Unaid e uma declaração em discurso indireto da fundadora da ONG Vida Positiva, não detectamos investimento na busca de fontes especializadas ou informações sobre a contaminação pelo vírus. O relatório dá conta de uma diminuição de 35,5% dos novos casos de infecção por HIV no mundo, no período de 2000 a 2014, e aumento do número de casos no Brasil no mesmo período. Os dados já haviam sido divulgados quando as notícias que compõem essa análise foram publicadas. Porém, foi usado em apenas um veículo.

No G1 a matéria publicada é classificada de acordo com a localização geográfica do evento “Distrito Federal”. Nenhum outro marcador categórico foi observado no texto. O mesmo acontece com o texto do Extra Online, que é categorizado apenas como “Notícias/Brasil”. É interessante observar que apesar de, nesses veículos, a categorização se dar apenas por parâmetros geográficos, as profissionais que assinam os textos -ambos os textos são assinados por jornalistas mulheres- entendem haver uma necessidade de oferecer ao leitor material para se informar sobre HIV. O mesmo não acontece no texto do R7, assinado por um casal de jornalistas e classificado como “Notícias/Distrito Federal”, sugere textos de natureza distinta: teatro e esporte, ligados apenas pelo espaço geográfico do evento.

No portal Uol a notícia é publicada na guia “Entretenimento”, no Correio Braziliense, faz parte da seção “Diversão e Arte”. O enquadramento dado ao projeto na escolha da editoria se reflete nas notícias sugeridas pelos portais: “Conheçam artistas que encaram o desafio de substituir estrelas em musicais”, “‘Mudança de hábito’ reforça a importância da música para história bem contada” e “Bruno Gissoni estreia peça em que canta e dança vestido de mulher” em Uol; e “Mapati comemora 25 anos de criação com espetáculo e programação infantil”; “Crônica: o teatro positivo e invisível de Brasília”; e “Documentário sobre maestro Cláudio

Santoro está no Festival de Brasília” no Correio Braziliense. No DF Agora, a notícia é publicada na guia DF Variedades e a matéria não é correlacionada com nenhum outro texto do *site*.

Apesar de considerarmos ter sido o mesmo critério de noticiabilidade que norteou a conversão do projeto Boa Sorte em notícia, percebemos, através da categorização em editorias, uma diferenciação no enquadramento. E em alguns *sites*, esse enquadramento revelou-se determinante para os caminhos de outras leituras apontadas. Também é interessante observar que ao categorizar as notícias em editorias, o veículo parte do pressuposto de que aquela classificação é compartilhada por seus leitores. Mas, o que de fato se tem ali, é o primeiro caminho de percepção do fato dado pelo veículo: “aqui o leitor lerá sobre entretenimento”, “aqui estão as notícias sobre política”, “nessa seção está o conteúdo de saúde”.

5. ANÁLISE DO POSICIONAMENTO DISCURSIVO SOBRE O PROJETO BOA SORTE

Neste capítulo, apresentamos a análise do posicionamento discursivo dos veículos nos textos publicados sobre o projeto Boa Sorte. A partir do estudo dos textos, tentamos identificar o modo como cada veículo que compõe a mostra aborda a temática; analisamos o nível de aprofundamento sobre a questão em cada texto - o que se revelaria no produto pela multiplicidade de fontes consultadas e informações disponíveis ao leitor; também nos atentamos às declarações usadas para construção do texto; à estrutura dos títulos, que são o chamariz para os textos; e ao vocabulário adotado.

5.1 ANÁLISE DOS TÍTULOS INFORMATIVOS

O estudo dos títulos informativos nos permitiu observar a preferência dos veículos, em tentar captar a atenção dos leitores por meio de títulos assertivos, o que acontece quando o locutor declara algo sobre o que assume a responsabilidade. Os veículos apresentaram comprometimento com as afirmações feitas em todos os títulos da mostra. Em dois deles, observamos a incorporação do discurso da fonte na formação de uma estrutura que se empenha em explicar o evento: apresentando a ação e a motivação para a mesma. É o que acontece nos títulos das matérias publicadas pelo Brasil Post e Correio Braziliense:

Ação



- Ator de Brasília revela ao mundo que é soropositivo e lança o musical 'Boa sorte' / para lutar contra o preconceito (Brasil Post, 2015)



motivação

motivação



- Estudante da UnB mistura ficção e realidade / para falar de HIV (Correio Braziliense, 2015)



Ação

A análise dos títulos também se mostrou importante no sentido de nos certificar acerca do critério de noticiabilidade usado pelos veículos para a divulgação do fato que, como adiantando no capítulo anterior, acreditamos ter sido o “interesse humano”. Isso fica mais evidente quando observamos que a figura do idealizador do projeto recebe destaque nos títulos. Em todos os textos da mostra, ele aparece como autor da ação, sendo nomeado como “jovem soropositivo”, “ator”, “ator soropositivo”, “ator de Brasília”, “brasiliense”, “estudante” e “diretor de teatro”. Também é importante mencionar que esse personalismo reflete uma estratégia para provocar emoção no público; sensibilizar por meio da dramatização.

Em alguns títulos, nomeadamente nos dos textos publicados pelo G1, R7 e DF Agora, observamos o uso de construções textuais que impessoalizam e, ao mesmo tempo generalizam, a vivência do criador do projeto Boa Sorte. Observamos o uso deste recurso em “Jovem soropositivo do DF escreve musical sobre **experiência com HIV**”; “Ator revela ser soropositivo em musical que conta os momentos de **quem tem HIV**”; e “Brasiliense monta espetáculo sobre **o viver com HIV** e revela sua sorologia”.

De maneira geral, os veículos que compõem a mostra utilizam estratégias similares de convocação do leitor para o texto. Essas estratégias se revelam no uso de asserções para formar o título, na personalização da iniciativa do projeto e na ênfase dada à condição sorológica para HIV do Gabriel Estrêla. É interessante observar que somente no título do Correio Braziliense: “Estudante brasiliense mistura ficção e realidade para falar de HIV”, não fica claro o nível de proximidade de Estrêla com o tema HIV. Em todos os outros, seja de maneira mais ou menos explícita - como “jovem soropositivo” e “sua luta contra o HIV” o diagnóstico de Estrela é apresentado nos títulos.

5.2 ANÁLISE DOS TEXTOS

Com já antecipamos no capítulo anterior, o critério de noticiabilidade “interesse humano” parece ter sido o motivo da publicação dos textos sobre o projeto Boa Sorte. Isso se revela no destaque que ele recebe nos títulos e também na composição dos textos baseados quase que exclusivamente no relato do ator. Somente no Correio Braziliense encontramos dados da Un aids e é ouvida a fundadora da ONG Vida Positiva, Vicky Tavares. A história de Gabriel Estrela é recontada em todos os textos, o que pode ser justificado pela sua estreita relação com o projeto e, principalmente, com o enredo do espetáculo de teatro que dele faz parte.

A proposta da qual o espetáculo é apenas uma parte é praticamente apagada nos textos. As matérias dedicam especial atenção à peça de teatro e, naquelas notícias onde o projeto é mencionado, isso é feito de maneira vaga, por vezes, com informações equivocadas. Somente com base nas matérias, o leitor não é capaz de compreender a extensão da proposta de Estrela. No Correio Braziliense temos: “(...) o autor e diretor Gabriel Estrela escreveu a peça Boa Sorte e criou o projeto homônimo, na tentativa de abrir o diálogo com o maior número possível de pessoas”. Na matéria do DF Agora, o projeto é mencionado no trecho: “O espetáculo, intitulado Boa Sorte, também dá nome a um projeto de iniciativa do artista, que tem por objetivo trazer luz e promover discussões e bate-papos sobre o viver com HIV”. Em Uol “ele resolver (sic) transformar sua experiência em teatro e lançou o projeto do espetáculo ‘Boa Sorte’.

Os textos são construídos de modo a apresentar uma história de superação da qual Estrela é protagonista. O dia em que ele recebe o diagnóstico de sua condição sorológica é tido como o ponto inicial dessa história, sendo caracterizado como “momento em que a vida dele mudou” (G1, 2015) “dia memorável” (Brasil Post, 2015) e instante a partir do qual “sua vida se transformaria” (R7, 2015). Em algumas notícias, a dramaticidade presente naquele dia é reforçada através da descrição da situação e transcrição do trecho: “É só isso. Não tem mais jeito. Acabou. Boa Sorte” da música que empresta nome ao projeto e ao espetáculo. Outro momento crucial para o conto de superação é quando Gabriel revela sua sorologia através de um “post corajoso” (Brasil Post, 2015), o que teria acontecido depois dele ter superado as adversidades vindas com o diagnóstico. A ideia presente nos textos é que após superar o impacto de ser diagnosticado com HIV, Gabriel resolve ajudar as pessoas através do seu

projeto que coloca o tema em discussão. Essa noção evidencia uma clara adesão por parte dos veículos do discurso do ator.

A aderência é menos evidente na matéria publicada pelo Correio Braziliense, onde a história de Estrêla é apagada. A estrutura do texto pode ser sintetizada na contraposição de dois pontos de vista do autor sobre a necessidade dos soropositivos terem resguardada sua condição sorológica. Num primeiro momento, ele critica a perpetuação do silêncio sobre o tema, que seria criado a partir do direito ao sigilo garantido pela Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids. Num segundo momento do texto, ele admite a importância da privacidade; concordância enfatizada pela escolha do verbo declarativo “reconhecer”. Num terceiro momento, o veículo usa dados oficiais e uma terceira fonte, a fundadora da ONG Vida Positiva, para justificar a importância do trabalho do dramaturgo. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que o texto ao que tivemos acesso compõe apenas um fragmento da matéria completa disponível apenas para assinantes.

O texto publicado pelo G1 também não deixa clara a aceitação ao discurso de Estrêla. O veículo evita assumir a responsabilidade por afirmações presentes no texto e marca certo distanciamento colocando praticamente todos os enunciados do ator na ordem do dizer. Entretanto, assim como nos outros textos, mantém-se a estrutura do texto focada na história pessoal do jovem ator e em seu relato.

Apesar de quase todos os textos destacarem no título a condição sorológica de Estrela para HIV - como apontamos no tópico anterior - apenas G1 e Extra Online parecem entender a necessidade de munir o leitor com outros textos através dos quais possa complementar suas informações sobre o tema - pontuamos isso no capítulo anterior. Mas também é importante observar que os *hiperlinks* disponibilizados compõem a memória dos veículos. Nenhum dos textos foi produzido com o fim de assegurar uma pluralidade de informações ao leitor. Porém cumprem esse papel no momento em que passam a compor o texto jornalístico. No Brasil Post, as *tags* agrupam outras notícias correlacionadas, tanto as já publicadas no *site* quanto as que venham a ser publicadas e incorporada às *tags*.

Nas notícias publicadas pelo Correio Braziliense, DF Agora, R7 e Uol não são oferecidos ao leitor outros textos ligados ao tema HIV. Esse fechamento do texto em si mesmo nos leva a acreditar que nesses *sites*, o projeto Boa Sorte (ou a peça de teatro, componente do projeto que ganha destaque nas matérias) é um *fait divers*: um fato que se fecha em si mesmo por

conta de sua completude informacional, por conter em si todo o saber necessário para sua absorção. Segundo Andrade (2016), o *fait divers* não propõe uma contextualização mais ampla, enfocando causas, efeitos, acasos e coincidências. Retomando Lits (1992), a autora afirma que esse gênero jornalístico é ordinário e privado, não existindo em si mesmo, mas apenas pela sua divulgação.

A fotografia foi o único recurso de multimídia observado em todos os textos, contabilizando um total de 15 imagens fotográficas. Em oito delas, o destinatário é interpelado pelo viés do olhar do ator, nas sete restantes o leitor é mantido “à distância”, na posição de um expectador que assiste a uma cena acontecendo sob seus olhos. Apenas a matéria publicada pelo R7 utiliza fotos feitas pela reportagem, nos demais veículos, são imagens provenientes do acervo pessoal do ator e daquelas feitas para divulgação do projeto.

Um equívoco comum que era esperado pela pesquisa é o que se faz entre HIV e aids. O primeiro corresponde ao vírus contraído através da troca de fluídos corporais - a saber sêmen, sangue e leite materno - de uma pessoa que contenha o vírus. A aids, por sua vez, diz respeito à doença que o indivíduo portador do vírus poderá desenvolver em situações que inclui o não tratamento. A confusão no uso dos termos, entretanto, não foi observada no corpo dos textos. As situações em que o termo aids foi usado não permitiram afirmar por parte da pesquisa qualquer incorreção. No entanto, o uso dos termos é feito de maneira indiscriminada nos *hiperlinks* presentes nas matérias do G1 e do Extra Online. No primeiro veículo temos “Jovens representam 37% dos novos casos de Aids no DF, diz Saúde”; e “Cresce busca por droga que evita risco de Aids após relação insegura” no segundo veículo. No texto do G1 não fica claro se os dados referem-se às pessoas que desenvolveram a doença ou se àqueles que contraíram o vírus, embora a segunda opção seja a mais provável uma vez que os dados divulgados pelas instituições de saúde costumam tratar dos casos de diagnóstico para o vírus. Já no Extra Online é nítido que a matéria produzida refere-se à contaminação pelo vírus, uma vez que o medicamento do qual trata o texto pode evitar que o indivíduo seja contaminado e não que desenvolva a doença.

5.2.1 A narrativa no texto do Brasil Post

Entre todos os textos que compõem a mostra desta pesquisa, aquele publicado pelo *site* Brasil Post foi o que mais nos chamou atenção. Tanto pelo seu caráter fortemente literário quanto pela sua clara adesão e, em momentos, defesa do trabalho proposto pelo ator. Como já adiantamos no capítulo anterior, essa foi a única notícia da mostra em que o recurso do vídeo foi utilizado, entretanto mais como recurso ilustrativo que informativo. São eles o videoclipe da música Boa Sorte - que empresta nome ao projeto e ao musical - e um trecho do musical *Rent* que o ator ensaiava quando foi diagnosticado com HIV.

A literalidade do conteúdo também fica evidente na transcrição do trecho da música Boa Sorte para iniciar o texto e nas marcas de oralidade presentes nas falas de Estrêla que são transcritas no texto, a saber: reticências, citações internas e expressões como “tá” em substituição do verbo “estar” na terceira pessoa do singular. Outro recurso utilizado e que demonstra a aderência do veículo ao discurso do ator e a adjetivação presente em trechos como “dia memorável”, “post corajoso”, “tempos difíceis” e “boa causa”. Todas essas expressões demonstram um juízo por parte do veículo sobre o objeto ao qual se refere: o dia em que o ator recebeu o diagnóstico, o post no qual revela sua sorologia, a vida como portador do vírus e o espetáculo de teatro, respectivamente.

Em um trecho da notícia, o leitor é convocado a interagir com o texto, através de uma estratégia persuasiva que visa estabelecer vínculos socioculturais entre as duas instâncias, simulando uma situação real de conversação. É o que acontece em: “Convenhamos: mesmo em tempos em que todos têm voz nas redes sociais, aids e HIV não estão entre os assuntos mais discutidos. Quantas vezes você já leu um post de desabafo de um soropositivo no Facebook? Quantos amigos ou conhecidos compartilham as experiências desde a descoberta de que têm o vírus?”. O uso do verbo “convir”, do pronome “você” e das frases interrogativas enfatizam a proximidade do veículo tenta criar com o leitor e o convoca à concordância com o posicionamento ali expresso.

As fotos usadas na notícia criam o distanciamento entre o texto e o destinatário. As imagens compõem o acervo pessoal do ator e somente em uma delas os retratados olham diretamente para a câmera. A ideia presente nas imagens e reforçada pela narrativa textual é de que o

destinatário é expectador daquela história (a história do ator brasileiro que está montando um espetáculo para falar sobre HIV). E é sobre essa história que ele é convocado a opinar logo no início do texto por meio do recurso da interação. Para garantir ao leitor a veracidade das informações prestadas no texto, o veículo faz questão de assegurar que houve um contato direto com a fonte por meio da autorreferência presente no trecho: “ele recorda, em entrevista ao Brasil Post”.

Também observa-se na matéria do Brasil Post, o destaque dado em alguns trechos por meio do texto em negrito. O veículo parece querer chamar a atenção do leitor para informações que considera ser importantes. São elas “**jovem homossexual e soropositivo**”, “**as diferentes formas que as pessoas lidam com ela**”, “**tudo seja feito com trabalho voluntário**”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi iniciada com grandes expectativas acerca das possibilidades disponíveis na web e da utilização dessas ferramentas nos textos sobre o nosso objeto de pesquisa. Esperava-se uma articulação dos recursos característicos dessa plataforma na construção dos textos e estruturação dos discursos acerca do projeto Boa Sorte. E, por conseguinte, um maior aprofundamento ao abordar a temática do HIV, que é a grande questão que fundamenta o projeto. O que também aconteceria por conta da importância do tema.

Ao longo da pesquisa, no processo de revisão da literatura e mais efetivamente na análise do material, percebemos que as potencialidades da web não necessariamente se refletem em aspectos utilizados pelos *sites* jornalísticos. E os critérios de importância não são homogêneos tanto nas diferentes instâncias: produção e recepção, quanto entre os veículos. Além do critério da relevância, é preciso considerar que a exploração das potencialidades da web é feita de acordo com critérios de conveniência do grupo jornalístico, capacidade técnica e adequação ao seu público. Aspectos que não foram objetos de investigação deste trabalho.

Apesar de termos efetuado a investigação em cima de um *corpus* bastante reduzido, consideramos ter conseguido verificar as proximidades e afastamentos dos veículos com relação à abordagem do projeto Boa Sorte. Reconhecemos que a constituição de uma mostra pequena se deu por escolhas nossas, mas principalmente devido a uma baixa produção jornalística sobre o projeto. O que, em última análise, nos leva a considerar não ter havido, por parte dos mesmos, interesse em divulgar o projeto e/ou abordar o tema ao qual ele está ligado, seja por não julgar ser uma leitura de interesse de seu público alvo, seja por não ver na iniciativa critérios de noticiabilidade que justificasse a publicação de um texto ou por qualquer outro razão. Independente de qual tenha sido a razão, o que está claro é a baixa produção noticiosa sobre o projeto.

Observamos na pesquisa que os *hiperlinks* e a multimídia foram os únicos recursos web identificados em todos os textos da mostra. Entretanto, o uso de ambos é feito de maneira precária. Os *links* utilizados na maior parte das matérias direcionam os leitores a temas outros que não condizem com a temática na qual o projeto está inserido e as imagens utilizadas atuam mais como elemento ilustrativo que informativo. A inserção delas nos textos parecem

apenas cumprir o papel de referenciar o objeto sobre o qual se fala. Em apenas uma das matérias, a fotografia publicada é fruto do trabalho dos jornalistas do veículo.

Os textos adotam o discurso do Gabriel Estrêla e são escritos com base nas informações obtidas através do mesmo. Isso acontece tanto por conta de uma aderência ao seu posicionamento, quanto por ter sido ele a única fonte a ganhar voz nas matérias e, possivelmente, a única ouvida. Desse modo, toda a produção jornalística analisada atua em defesa de sua proposta. Em alguns textos o posicionamento favorável fica nítido através das adjetivações, em outros ele pode ser observado pela ausência de contraditório. É bem verdade, porém, que a estrutura do projeto como um todo é apagada e o que se observa nos textos é um foco maior na história de Estrela, que é contada no espetáculo teatral. Além disso, notamos pouca atuação dos veículos no sentido de promover a discussão sobre HIV e em munir o público com informações qualificadas a esse respeito.

Sabemos que nossa análise foi realizada dentro de um período de tempo curto e sobre um único fato. Como consequência disso, ela não é capaz de apresentar resultados conclusivos acerca do posicionamento dos veículos sobre o tema HIV. Mas nos apresenta algumas pistas no que diz respeito à resistência em produzir informações sobre a temática, aprofundar a discussão, manifesta pelos veículos. Traço observado tanto pela precária utilização dos recursos disponíveis na web, quanto pela ausência de dados e informações provenientes de outras fontes que não o idealizador do projeto. Além da anulação do projeto Boa Sorte. Marcas que, em alguns textos, contrastam com a empatia com a história do Gabriel Estrêla manifesta na escolha do vocabulário e na estrutura dos textos. Estamos cientes, entretanto, que os resultados aqui presentes apenas dizem respeito à mostra analisada e ao projeto Boa Sorte.

Entendemos a necessidade de que outras pesquisas sejam realizadas numa perspectiva diacrônica a fim de verificar a permanência e regularidade das pistas aqui pontadas. Nesse sentido, oferecemos aqui apenas um pequeno contributo para a produção científica sobre o tema, que poderá ser usado como subsídio para o desenvolvimento de outras pesquisas. Pesquisas através das quais poderá ser averiguado, com maior aprofundamento, como cada veículo se comporta perante a temática do HIV; como se posicionam quando o interesse humano não é o critério de noticiabilidade que justifica a publicação do texto; como constrói o discurso nas matérias que reivindicam a multiplicidade de fontes e, por conseguinte, dão ao

jornalista um tempo maior para sua produção. Estudos futuros também se revelam importantes para perceber como a narrativa acerca do projeto Boa Sorte está posicionado na narrativa geral do vírus HIV. Esses são alguns dos questionamentos que este trabalho deixa em aberto para serem respondidos em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **A construção discursiva da violência envolvendo crianças e adolescentes em jornais impressos brasileiros: Um estudo de caso dos jornais O Globo e Extra de 2000 a 2014.** xxf. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e base de dados: mapeando conceitos e funcionalidades.** 2005. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-jornalismo-digital-bases-dados.pdf>> Acessado em 06 jan 2016.

_____. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais.** In CANAVILHAS, João (Org). Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis, Covilhã, LabCom(e-book), 2013.

_____. **Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração.** 2009. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/255655526_Modelo_JDBD_e_o_ciberjornalismo_de_quarta_geracao> . Acessado em 07 jan 2016.

BENVENISTE, Émilie. **Da subjetividade na linguagem.** In: Journal de Psychologie. 1958 Disponível em < http://www.cefetsp.br/edu/eja/subjetividade_linguagem.pdf> Acessado em 10 abr 2016

CANAVILHAS, João. **Webnotícia: proposta de modelo periodístico para la WWW.** Covilhã, LabCom (e-book), 2013.

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência.** Salvador: EDUFBA, 2009

_____. **Narrativa Jornalística e Narrativas Sociais: Questões acerca da Representação da Realidade e Regimes de Visibilidade,** In FERREIRA, Giovandro; HOHLFELDT, Antônio; *et all* (Org). Teorias da Comunicação: tajeitórias investigativas, Porto Alegre, EdiPUCRS, 2010.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Teoria da Comunicação, Teorias do Discurso: Em busca do sentido.** In FERREIRA, Giovandro; HOHLFELDT, Antônio; *et all* (Org). Teorias da Comunicação: tajeitórias investigativas, Porto Alegre, EdiPUCRS, 2010.

_____. **Uma proposta metodológica para o estudo da imprensa a partir das mutações na problemática da análise do discurso.** Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. v. VIII, n. 1, jan./abr. 2006.

FIDALGO, Antônio. **Sintaxe e Semântica das notícias on-line: para um jornalismo assente em base de dados,** 2003. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.pdf>>

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos em comunicação;** tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. – São Paulo: Cortez: 2002

MANOVICK, Lev. **Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições**. In LEÃO, Lúcia (Org). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora Senac, 2005, p.23-50.

MIELNICZUK, Luciana. **O estudo da narratividade no ciberjornalismo**. In: PALACIOS, Marcos; DÍAZ NOCI, Javier.. (Org.). Metodologias para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas.. Salvador, 2008, v. , p. 161-175.

_____. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs). Modelos de Jornalismo Digital. Salvador: Calandra, 2003.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual**. 2001. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuck_linkparatextual.pdf> Acessado em 10 mar 16

MOURA, Marília Souza de. **Em busca de uma metodologia de análise para tiras em quadrinhos: um breve estudo de caso da série *Quase Nada***.(Trabalho de Conclusão de Curso). Comunicação. Universidade Federal da Bahia, 2014.

PALACIOS Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória**. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs). Modelos de Jornalismo Digital. Salvador: Calandra, 2003.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso: Introdução à Análise de Discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SILVA, Yne Manuela Cardoso Dias da. **Uso do *WhatsApp* pelos jornalistas do site *Correio24horas***. (Trabalho de Conclusão de Curso). Comunicação. Universidade Federal da Bahia, 2014.

SILVA, Dayanne Pereira da. **Construção da Violência Sexual Infanto-Juvenil em Webnotícias: um estudo de caso no G1 e na Folha.com (2007-2011)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

VAN DIJK, TEUN A. **Discurso, Notícia e Ideologia**. 1ª ed. Porto. Campo das Letras, 2005.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2004.

VIZEU, Alfredo. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística**, 2003. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-producao-sentidos-enunciacao.pdf>> Acessado em 10 outubro 2015

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massas**. 6ª ed. São Paulo, SP; Martins Fontes, 2012.

ANEXOS

CORPUS DE ANÁLISE

BRASIL POST

Endereço da página:

http://www.brasilpost.com.br/2015/07/24/gabriel-estrela-boa-sorte_n_7834622.html

Larissa Baltazar larissa.baltazar@brasilpost.com.br

Diego Iraheta diego.iraheta@brasilpost.com.br

Ator de Brasília revela ao mundo que é soropositivo e lança o musical 'Boa Sorte' para lutar contra o preconceito

Publicado: 24/07/2015 15:11 BRT Atualizado: 24/07/2015 16:34 BRT



Gabrie

| Estrêla vai narrar experiência com HIV em musical | Reprodução Facebook

♪ ♪ *É só isso... Não tem mais jeito... Acabou. Boa sorte!* ♪ ♪

Boa Sorte, de Vanessa da Mata e Ben Harper, foi a trilha sonora que precedeu a cena que mudaria a vida de Gabriel Estrêla. Em 2010, quando o jovem brasileiro foi buscar o resultado do exame de HIV em um laboratório da capital, havia uma cantora na sala de espera tocando violão. "A moça escolheu mal a música", ele recorda, em entrevista ao Brasil Post.

A canção daquele dia memorável também empresta o título para o próximo trabalho do ator, cantor e diretor de 23 anos.

O musical autobiográfico *Boa Sorte*, que vai estrear no fim de outubro em Brasília, conta a história de um jovem homossexual e soropositivo. Com todas as suas dúvidas, angústias e superações.

Convenhamos: mesmo em tempos em que todos têm voz nas redes sociais, aids e HIV não estão entre os assuntos mais discutidos. Quantas vezes você já leu um post de desabafo de um soropositivo no Facebook? Quantos amigos ou conhecidos compartilham as experiências desde a descoberta de que têm o vírus?

É justamente com o intuito de mudar esse cenário que Gabriel quer contar sua história e dar início a um debate livre de preconceitos:

"O que eu percebo é uma dificuldade — vinda da geração anterior à minha — de entender que a preocupação não é esconder [*que possui o vírus*]. É não poder falar sobre isso. Vivemos numa era de compartilhamento; não falar dói mais que a possibilidade de ser descoberto [*que tem o vírus*]. Os positivos que também querem falar não sentem abertura para isso."

Mas Gabriel deu o primeiro passo. Começou com este post corajoso há dez dias, revelando para o mundo que tem o vírus:

A melancólica batida de *Boa Sorte*, há cinco anos, foi o marco zero para tempos difíceis que viriam. "Eles [*equipe do laboratório*] me receberam na sala com uma psicóloga para me entregar o resultado, e foi tão ruim, tão ruim. Quando eu cheguei em casa, não consegui nem falar direito de tanto que eu chorava", lembra.

"Pensei que eu ia morrer. É o estigma que a gente conhece. Vê um caminho de terror: HIV, aids, morte. Foi meu primeiro pensamento. O preconceito é tanto, a certeza de morte é tamanha que foi quase uma experiência de morte de verdade."

Fundamental foi o apoio de toda a família para ele começar a lidar melhor com o diagnóstico. Mãe, pai e irmã fizeram o possível para ampará-lo e garantir o quanto ele era amado e estava seguro.

"Meu pai veio conversar de um jeito que eu nunca esqueci. Ele disse: 'É muito besta esse preconceito todo, sendo que todo mundo faz sexo sem camisinha. Na minha época, nem se falava em usar camisinha'. Minha irmã comentou que também se preocupava porque podia ficar grávida."



O teatro também foi um suporte essencial. Na época em que foi diagnosticado, ele estava ensaiando o musical *Rent*. A peça mostra jovens dos anos 80 que tinham aids.

A música *Seasons of Love* o marcou porque sintetizava bem a positividade que ele buscava para viver com a nova condição — além da mensagem de viver intensamente o presente:

Em 2012, Estrêla montou a primeira versão de *Boa Sorte* na faculdade. Ele não se sentia preparado para levar adiante o projeto porque não conseguia falar livremente sobre suas dificuldades:

"Se você tá com uma gripe, você trata os sintomas e fica bem. Trata a coriza e a garganta inflamada. O HIV não se manifesta... É um pedaço de papel que diz que você é positivo. E você fica com um nó na cabeça de receber esse diagnóstico. Meu exame é bom, eu me sinto bem. Por que vou começar a tomar os medicamentos? Por que vou continuar se estão me dando efeitos colaterais?"

No final de 2014, Gabriel já se sentia muito melhor para falar sobre o HIV com outras pessoas. Foi nessa época que ele decidiu atuar como voluntário de uma ONG em Brasília — a Vida Positiva, que trabalha com crianças e adolescentes com o vírus.

A experiência possibilitou que conhecesse mais sobre a doença e as diferentes formas que as pessoas lidam com ela.

"Ninguém vê que a gente está se tratando. Conversei com um amigo e ele disse 'ah, é muito fácil viver com HIV'. Não foi fácil; foram cinco anos de processo. A banalização vem a partir de ver que as pessoas estão bem. Mas estar bem é um primeiro passo para abrir diálogo pro momento em que elas não estavam bem".

A decisão de Gabriel de contar ao mundo sobre o HIV foi abraçada pelos pais e pelo namorado dele, Gabriel Martins. "Meu namorado revisou meu texto, apertamos junto na hora de enviar", conta.

A transparência sempre foi regra número 1 do casal Gabriel-Gabriel.

"Eu contei [*do HIV*] antes de a gente começar a se relacionar sexualmente. Ele lidou bem melhor do que eu. Começou a fazer trabalho voluntário comigo, tá preparando material para alimentar a página [*da peça de teatro*], estuda comigo sobre o vírus e, se duvidar, tá sabendo mais que eu até... Realmente, ele vestiu a camisa."



Boa Sorte!

O musical *Boa Sorte* vai abordar o período da descoberta do HIV até o dia em que Gabriel começa a tomar antirretroviral. O roteiro passa por questões familiares, relacionamentos amorosos, amizades, sexualidade e medos.

Todas as músicas escolhidas são de artistas consagrados da MPB. Em comum, elas falam do tema vida, além de efemeridade, liberdade e ciclos que começam ou se renovam.

A peça está em fase de escolha do elenco. A ideia é que, a princípio, tudo seja feito com voluntários que topem ajudar uma boa causa.

"Ainda não fechamos com o teatro, queremos garantir que não tenha custos. O dinheiro da bilheteria vai ser revertida pra ONGs que lidam com soropositivos", adianta Estrêla.

Para o futuro, ele planeja continuar investindo na temática do HIV no teatro. "Nos anos 90, esse assunto estava muito presente nas artes e eu quero trazer esse movimento de volta", conclui.

CORREIO BRAZILIENSE

Endereço da página:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/07/28/interna_diversao_arte,492198/estudante-da-unb-mistura-ficcao-e-realidade-para-falar-de-hiv.shtml

Estudante da UnB mistura ficção e realidade para falar de HIV

O ator e diretor Gabriel Estrela quis se abrir ao diálogo com o maior número de pessoas possível, para combater o preconceito e esclarecer os jovens

postado em 28/07/2015 07:30 / atualizado em 27/07/2015 17:59

Isabella de Andrade - Especial para o Correio



Gabriel Estrela: peça ajuda a

debater um tema delicado para todos

“O problema é quando essa questão de sigilo é perpetuada, lemos logo no início na declaração dos direitos das pessoas vivendo com HIV ou Aids: ‘direito ao sigilo sobre a sua condição sorológica’. Mas ninguém se lembrou de garantir também o direito à expressão. Freud já dizia que falar das coisas faz as coisas ficarem mais fáceis. Então eu não preciso guardar aquilo dentro de mim e remoer”. E, assim, inspirado pelo princípio de sensibilizar os jovens por intermédio da sua própria história, o ator e diretor Gabriel Estrela escreveu a peça Boa sorte e criou o projeto homônimo, na tentativa de abrir diálogo com o maior número possível de pessoas. E agora o projeto vai para a rua.

Gabriel, que descobriu estar com HIV há 5 anos, afirma que somente agora compreendeu plenamente o que é ser uma pessoa vivendo com o vírus. Depois do entendimento, veio a

certeza de que o melhor seria dividir. Ele acredita que o pior que podemos fazer nos tempos atuais é deixar uma situação estagnada, sem possibilitar mudanças. O texto do espetáculo traz, em parte, a experiência do ator e se completa com um pouco de ficção, criada pelo jovem que estuda desde 2010 as possibilidades, vivências e transformações que surgem com a sorologia positiva.

Saiba mais

- **Mapati comemora 25 anos de criação com espetáculo e programação infantil**
- **Crônica: O teatro positivo e invisível de Brasília**
- **Documentário sobre maestro Claudio Santoro está no Festival de Brasília**

“O direito ao sigilo ainda é importantíssimo, já que muita gente sofre com o preconceito ainda forte. A orientação que recebemos, a princípio, é de manter segredo, para nos proteger de respostas negativas em um momento que já nos deixa fragilizados”, reconhece. Ainda assim, incentivado pela forte resposta artística que surgiu no início da epidemia, nos anos de 1970, criou o projeto, baseado em ações sociais e artísticas. “O que eu espero conseguir é sensibilizar o maior número de pessoas possível”, conta o ator.

Segundo relatório da Unaid, divulgado no último dia 14, o número de infecções no mundo diminuiu 35,5% entre 2000 e 2014. No entanto, no Brasil, esse número cresceu no mesmo período, mostrando a importância de continuar e renovar as ações de sensibilização e conscientização dos jovens. Engajado para reverter esse quadro, o projeto Boa sorte fez uma parceria com a ONG Vida positiva, que nasceu em 2006 com o intuito de ajudar os portadores do vírus a superarem o preconceito. Vicky Tavares, fundadora da ONG, afirma que o teatro é um agente transformador e acredita que iniciativas como essa podem ajudar a disseminar informações de maneira efetiva.

A matéria completa está disponível aqui para assinantes. Para assinar, clique aqui

DF AGORA

Endereço da página:

<http://dfagora.com/brasiliense-monta-musical-sobre-o-viver-com-hiv-e-revela-sua-sorologia/>

Brasiliense monta musical sobre o viver com HIV e revela sua sorologia

28/07/2015

Graduando de Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, Gabriel Estrela está em meio à montagem de musical, de sua autoria, com estreia prevista para outubro deste ano. Recentemente o ator, cantor, dramaturgo e também diretor teatral surpreendeu e emocionou a classe artística local ao revelar sua sorologia em depoimento publicado numa rede social.



Gabriel Estrêla está em meio à montagem de musical, de sua autoria, com estreia prevista para outubro deste ano. Foto: João Telles

O espetáculo, intitulado Boa Sorte, também dá nome a um projeto de iniciativa do artista, que tem por objetivo trazer luz e promover discussões e bate-papos sobre o viver com HIV.

“Descobri-me soropositivo muito jovem, aos 18 anos, e se na época eu tivesse a referência pessoas vivendo com HIV e dispostas a conversar abertamente, tudo teria sido mais fácil”, recorda Gabriel, hoje aos 23 anos.

Por iniciativa própria, e com apoio e carinho da família, Gabriel encontrou nas artes, em palestras com especialistas e pesquisando sobre o assunto a energia que precisava para se manter em tratamento e acompanhamento médico adequados. “Já se vão cinco anos que aderi ao tratamento com antirretrovirais assiduamente e desde o início minha carga viral está indetectável, ou seja, não aparece nos exames de rotina”, comemora.

A vontade de dividir sua experiência e também de apoiar pessoas vivendo com HIV, o levou a engajar-se em trabalho social junto à ONG Vida Positiva e no Polo de Prevenção de DST/AIDS. Sua dedicação e interesse em falar sobre o assunto, lhe rendeu convites para participar de bate-papos e seminários sobre HIV/AIDS tanto em Brasília como fora.

Cantor e ator com experiência, tendo participado de alguns musicais em papéis importantes, Gabriel se sentiu preparado para escrever um espetáculo autobiográfico que contasse sua experiência como soropositivo. “Montar este espetáculo vinha de encontro com uma necessidade minha de autoconhecimento, de falar sobre o assunto, como forma de uma terapia mesmo”, conta Gabriel, e lembra “nem tinha a intenção de ser uma ferramenta de luta”.

O musical conta com trilha sonora de músicas da MPB, uma delas “Boa Sorte / Good Luck”, de autoria de Vanessa da Mata e Ben Harper, é a que dá nome ao espetáculo. “Foi esta a canção que estava tocando na sala de espera do laboratório, quando fui buscar o resultado do exame que acusava minha sorologia”, recorda Gabriel.

A letra começa com o verso É só isso, não tem mais jeito, acabou, boa sorte.

O espetáculo está em processo de construção e readaptação. A estreia da primeira versão aconteceu em julho de 2013, no Instituto de Artes da UnB. “Desde então, muita coisa mudou, o texto, que tinha seis páginas, hoje já está com 16”, diz Gabriel, e adianta “muita informação foi acrescentada”.

Para esta nova montagem, o diretor e autor em conjunto com o Grupo Po.N,T.E, ao qual faz parte, está recebendo currículos de atores-cantores, de preferência que toquem algum instrumento musical, para composição do elenco. Aos interessados, pede-se para enviar material para o e-mail BoaSorteBrasilia@gmail.com até o dia 7 de agosto. As audições estão marcadas para 14 e 15 de agosto. A temporada de estreia será de 22 a 25 de outubro em Brasília.

DF AGORA| Informações de Rodrigo Machado.

EXTRA ONLINE

Endereço da página:

<http://extra.globo.com/noticias/brasil/diretor-de-teatro-cria-musical-baseado-em-sua-luta-contra-hiv-17237435.html>

Diretor de teatro cria musical baseado em sua luta contra o



HIV

Arquivo Pessoal

Musical tem previsão de estreia para outubro Foto:

Júlia Zaremba

O diretor teatral e ator goiano Gabriel Estrêla, de 23 anos, foi diagnosticado com HIV há cinco anos. Naquela época, estava cursando o segundo período da faculdade de Comunicação Social na Universidade de Brasília. A notícia, segundo o jovem, foi recebida como uma sentença de morte e o fez repensar os rumos que sua vida tomava.

- A primeira sensação foi de desespero. Passei a questionar o que fazia da vida, quem eu era e para onde estava indo. Decidi largar a faculdade de Comunicação e fui cursar Biomedicina, pois, além de gostar da área, queria entender melhor o vírus do HIV - relatou o diretor.

Porém, foi apenas no ano seguinte que o jovem realmente descobriu o que queria fazer da vida, após participar de uma montagem universitária do musical “Rent”. A peça conta a história de um grupo de amigos que vive em Nova York na década de 1980, e aborda temas que tiveram destaque na época, como a AIDS.

- Foi muito terapêutico. Me envolvi muito com o musical. Depois do Rent, fui convidado para meu primeiro trabalho profissional como ator, a peça “Saltimbancos”. Tranquei a faculdade de Biomedicina e fui me arriscar no teatro. Era realmente a área em que eu me sentia mais confortável. Algum tempo depois, passei a cursar Artes Cênicas. Ou seja, o diagnóstico da doença coincidiu com o início da minha carreira no teatro - contou.



Gabriel conta que diagnóstico da doença coincidiu com o início de sua carreira no teatro Foto: Daniel Fama

A ideia de criar uma peça para abordar a questão do HIV surgiu em 2013, quando Gabriel deu os primeiros passos como diretor de teatro.

- Eu estava há algum tempo sentindo falta de escrever sobre isso, de colocar para fora. Até que, numa noite, escrevi seis páginas de peça. Mostrei os rascunhos para o meu professor da faculdade, que achou o material muito bacana e me incentivou a montá-la. Como eu era muito novo, achei que não saberia como fazer. Mas acabei me juntando com amigos e montamos a primeira versão do musical, intitulado “Boa Sorte” - lembrou.



O musical está na fase das audições

para a escolha do elenco Foto: Gabriel Martins

O musical, baseado na vida de Gabriel, conta a história de um personagem que é diagnosticado com HIV e mostra o desenrolar de sua vida a partir desse momento. A peça é embalada por canções da MPB - como a própria “Boa Sorte”, da cantora Vanessa da Mata - que falam sobre a vida e a necessidade de renovação. A montagem é bastante intimista - a cenografia é composta apenas por um banquinho e um violão. Segundo Gabriel, o objetivo é facilitar a empatia do público, e atingir cada um dos espectadores da forma certa.

- Ser diagnosticado com HIV é um baque tão forte, que a reação das pessoas tem sido se esconder porque acham que serão vítimas de preconceito. E, de fato, acabam sofrendo discriminação. Meu objetivo é fazer com que os portadores de HIV tenham a esperança de que, independentemente de quantas pessoas preconceituosas surjam no caminho e se afastem, muitas pessoas boas vão chegar perto para apoiá-los. E também quero mostrar para as outras pessoas o outro lado da moeda. A AIDS não é uma doença comportamental, um castigo, é uma condição - defende o diretor.



Gabriel conta que o vírus do HIV não está mais ativo em seu sangue, mas toma medicamentos diariamente para controlar a doença Foto: Reprodução / Facebook

Segundo Gabriel, a previsão de estreia da peça é no fim de outubro. Agora, o diretor está na fase das audições, selecionando os atores que vão fazer parte do elenco. Uma versão anterior da peça chegou a ser encenada duas vezes em 2013, na Universidade de Brasília, e durante um curso na capital federal. Mas, agora, o diretor quer torná-la algo maior.

Após cinco anos de tratamento, Gabriel conta que está muito bem - o vírus não está mais ativo em seu sangue e as chances de transmiti-lo para outra pessoa, segundo ele, são quase nulas. Para controlar a doença, toma medicamentos diariamente e, a cada seis meses, vai a um infectologista. Para o diretor, a verdadeira dificuldade é lidar com o HIV de outras pessoas.

- Minha saúde está boa e meus familiares e amigos me respeitam e apoiam. Para mim, o maior problema são as pessoas que não estão tendo essa sorte. Que estão deprimidas, que têm medo de contar para a família e que não se relacionam porque acreditam que não merecem. A única coisa que me dói hoje é a dor dos outros. Com a peça, quero contrapor a ideia de que o HIV leva, necessariamente, à morte para que pessoas não se recolham e não entrem em depressão. A dignidade não pode ir embora - defende.

Endereço da página:

<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/08/jovem-soropositivo-do-df-escreve-musical-sobre-experiencia-com-hiv.html>

Jovem soropositivo do DF escreve musical sobre experiência com HIV

Estudante da UnB quer 'sacudir preconceito' e promover diálogo sobre HIV. Ator diz que 'sentença de morte foi certa', mas que 'renasceu' após exame.

Isabella Formiga Do G1 DF



Gabriel Estrela, ator que

escreveu e vai dirigir peça sobre experiência pessoal (Foto: João P. Teles/Divulgação)

Aos 23 anos, o ator Gabriel Estrela, de Brasília, revelou ao mundo ser soropositivo e resolveu contar a história dele em um musical. A peça "Boa sorte" leva o nome da composição que marcou o momento em que a vida dele mudou: a canção tocava na sala de espera do laboratório em que ele realizou o exame de HIV, minutos antes de saber que o resultado seria positivo.

"Havia uma moça com um violão e ela cantava: 'É só isso, não tem mais jeito. Acabou. Boa sorte", diz ele, sobre a canção de Vanessa da Mata. "Pensei: 'Pronto. É o universo terminando de me dar a notícia.'" Estrela conta que após ouvir a música foi chamado em uma sala com paredes de vidros, onde uma funcionária contou que ele tinha HIV. Desesperado, caiu aos prantos. "Na minha cabeça, significava que eu ia morrer."



Gabriel Estrela (Foto: João P. Teles/Divulgação)

Três anos depois, quando parou para pensar em todas as etapas que havia superado desde o momento em que recebeu o diagnóstico, começou a escrever. "Quando consegui respirar, me ajeitar e colocar no papel o que tinha acontecido, a experiência saiu em formato de peça, um musical", diz.

A montagem começa no momento em que ele recebe o resultado e termina na noite em que ele tomou o antirretroviral pela primeira vez. A trama central se desenrola em torno da experiência dele, mas também narra os sentimentos vividos por parentes e amigos.

Nascido em 1992, Estrela diz que não cresceu com muitas referências sobre a Aids e que sentiu falta de artistas dando voz à doença. "Quando comecei a entender as coisas da vida, o coquetel já existia e as pessoas já não morriam tanto por conta da doença. A cara da Aids não existia mais. A referência que eu tinha era muito volátil, não era muito concreta", diz.

"Quando a epidemia surgiu, em 1981, foi o movimento social e a arte [que tratavam do assunto]. Hoje em dia, como dá para viver bem e estamos vivendo tempos extremos de conservadorismo [...] não tem a arte tomando o papel político como tomava 20 anos atrás."

saiba mais

- **Rede pública do DF passa a oferecer '3 em 1' para pessoas com HIV/Aids**
- **Tratamento contra HIV com antirretrovirais cresce 30% em 2014**
- **Jovens representam 37% dos novos casos de Aids no DF, diz Saúde**

Estrela diz que o trabalho dele pretende preencher essa lacuna. "Tudo que estou fazendo tem como intenção maior que o diálogo não pare em mim. Mesmo que seja um diálogo cheio de preconceitos, é preciso sacudir a poeira do que está escondido e desconstruir. Todo o diálogo

que surgir nesse sentido é válido, mesmo que positivo, negativo. Quem vier com ignorância, a gente devolve com informação."

Com amigos da Universidade de Brasília (UnB), o estudante de artes cênicas apresentou a primeira versão da peça. O envolvimento dos atores foi intenso: eles fizeram questionamentos e pesquisas, receberam visitas de médicos e assistiram a filmes relacionados à doença.

"A peça na universidade teve uma repercussão que eu não imaginava. Eu era um calouro no segundo semestre e ainda assim as pessoas lotaram a sala de uma maneira absurda. Eles chegaram a escalar um andaime que estava lá para a montagem de luz pra poder assistir", diz.

"Eu percebi o potencial da peça ali, quando finalmente vi as pessoas de fato se comoverem por isso [...]. Eu não podia deixar isso restrito à universidade, fazia questão de atingir mais plateias, mais diversas – mais gente pra falar a respeito, pra se comover, pra se educar sobre o HIV."

Com a evolução do trabalho, o musical aumentou de seis para 17 páginas. "Precisava tocar em outros pontos que não só a minha vivência – da transição vertical, da criança que nasce com o vírus, e da mãe, preocupada de transmitir vírus para o filho", diz.

Descoberta

O estudante lembra que só fez o exame de HIV porque estava com HPV. "Foi a minha sorte", diz. Após realizar o primeiro teste, recebeu uma ligação do laboratório pedindo para voltar e refazer o procedimento por conta de um erro. Depois, foi chamado para buscar o resultado pessoalmente.

"Queria muito chegar lá e ouvir que eu havia sido a milionésima pessoa a tirar sangue no laboratório e que ia ganhar um carro por isso. Mas já cheguei sabendo", diz. Após receber o diagnóstico e deixar o laboratório, sentia que o mundo havia desabado.



Atores durante audição de elenco de

musical 'Boa sorte' (Foto: Gabriel Martins/Arquivo Pessoal)

"De repente, estava no meu carro. Parei no semáforo e um cara veio me vender caqui e eu não parava de chorar, não conseguia nem enxergar direito. Acho que o cara se assustou comigo e nunca mais vai vender um caqui na vida", brinca. "Fui o caminho inteiro chorando, não conseguia nem ver, achei que ia morrer."

A gente acha que HIV é uma punição, que vem de um comportamento errado. A gente relaciona muito com causa e consequência. Ah, 'transou sem camisinha, pegou HIV'. A gente não vê o cenário maior de uma cultura que não usa camisinha, que não fala sobre sexo, de sexualidade homossexual, que é reprimida" Gabriel Estrela, ator e diretor de musical

Assim que chegou em casa, Estrela compartilhou a notícia com a mãe. "Fiquei tão mal com a notícia que não considerei nem cogitar esconder. Só chorava, chorava, chorava. Não conseguia falar uma palavra que não fosse 'desculpa'", diz.

"A gente acha que HIV é uma punição, que vem de um comportamento errado. A gente relaciona muito com causa e consequência. Ah, 'transou sem camisinha, pegou HIV'. A gente não vê o cenário maior de uma cultura que não usa camisinha, que não fala sobre sexo, de sexualidade homossexual, que é reprimida."

Estrela diz que não faz diferença para ele saber ou dizer de quem ele contraiu o vírus. "Não dá para a gente ficar individualizando uma epidemia que é global. Não está só no Brasil, só no rico, no pobre. Por que de repente a gente vai falar do indivíduo? Não importa", afirma. "Não consigo lidar com o terceiro, com quem transmitiu. Posso gritar comigo agora que contraí."

"Ainda sou o mesmo Gabriel depois de cinco anos com HIV, mas em cinco anos eu mudei muito, e muito para melhor, arrisco dizer. De fato, foi como se eu tivesse renascido. O pessoal fala muito da experiência de quase morte, de bater carro e voltar e vê a vida com outros olhos. O estigma com o HIV é tão grande, a sentença de morte vem tão certa que foi como se tivesse morrido de fato. Para mim era só sentar e esperar morrer."

R7

Endereço da página:

<http://noticias.r7.com/distrito-federal/ator-de-brasilia-revela-ser-soropositivo-em-musical-que-conta-os-momentos-vividos-por-quem-tem-hiv-13092015>

Ator de Brasília revela ser soropositivo em musical que conta os momentos vividos por quem tem HIV

Gabriel Estrela descobriu que tinha o vírus em 2010 aos 18 anos

Carol Oliveira e Fred Leão, Do R7



Ator faz peça autobiográfica sobre

a descoberta e a vida com HIV *Fred Leão/ R7*

As primeiras palavras que o ator brasileiro Gabriel Estrela ouviu minutos antes de pegar o resultado de um exame de HIV/Aids foram decisivas para aquele momento e para uma grande virada em sua vida para lidar com o fato de ser soropositivo. Ao entrar no laboratório, ele já inferia que tinha contraído o vírus e, na sala de espera, encontrou uma cena inusitada. Uma menina cantava a música Boa Sorte, de Vanessa da Mata. “É só isso. Não tem mais jeito. Acabou, boa sorte”. Foram estas as primeiras palavras ao som de um violão minutos de saber que dali para frente sua vida se transformaria.

O momento, marcado pela canção e pelo choro, foi a inspiração para o título de um musical pensando, produzido e dirigido por Gabriel, com previsão de estreia para 22 de outubro, em Brasília. O enredo conta a história de um jovem homossexual soropositivo e os dramas e desafios de viver com uma doença socialmente estigmatizada. A história não é totalmente autobiográfica, mas tem como base as situações pessoais, psicológicas vividas pelo ator e diretor e outras cenas em que ele imagina como foi para sua família lidar com a informação.

A história de Gabriel poderia ser mais uma, mas ter o vírus HIV foi definitivo na sua escolha para a arte. Antes do diagnóstico, ele havia participado de peças como ator amador e depois do diagnóstico decidiu se dedicar ao teatro.

— Eu falei “vai ser minha terapia, então” porque eu não suportava psicólogo, não queria fazer terapia e aí eu falei “vou fazer teatro, então” e não parei mais.

Leia mais notícias no R7 DF

Experimente grátis: todos os programas da Record na íntegra no R7 Play

Em meio aos escritos, e pensamentos sobre seu mais novo trabalho, Gabriel chegou ao momento em que resolveu revelar para o mundo que é soropositivo e, além de ser o diretor de uma peça, passou a ser entusiastas de uma campanha, de um diálogo aberto sobre o tema. Em uma rede social, ele escreveu em um texto médio para sintetizar, além de tudo, que é necessário falar sobre HIV/Aids.



As palavras ouvidas por Gabriel Estrela minutos antes de saber que tinha HIV estampam a página do espetáculo no Facebook *Reprodução/ Facebook*

— Vivemos em um tempo de compartilhamento e eu compartilho com muito orgulho dessa vida que eu levo e é plena. Logo, por isso mesmo, me vem a vontade de não deixar nada passar. No entanto, há cinco anos tem algo que eu não consigo dizer para todos. Há algo que escondo por orientação de alguns médicos, alguns familiares e alguns amigos. Mas hoje sinto, mais que nunca, que esconder é assumir uma culpa e vestir uma vergonha que não me pertencem. Esconder, que era uma questão de proteção, agora vira um anti manifesto muito poderoso e cruel, contrário a muito pelo que eu venho lutando há algum tempo. Vivo bem e em tratamento para o HIV desde 2010, diz trecho do texto publicado no Facebook.

O espetáculo foi não só uma abordagem pessoal, mas uma campanha sobre os riscos e um desabafo para o criador sobre os estigmas da doença, a falta de diálogo e o apelo é para que as pessoas conversem abertamente sobre o assunto.

— [...] Agora vocês me veem. E eu peço a todos os amigos, colegas e familiares: vamos falar a respeito! Se há algo que vocês podem fazer para ajudar nessa luta é promover o diálogo, diz Gabriel em outro trecho do post.

Em uma noite, Gabriel escreveu seis páginas de uma peça. Entre as palavras, ele se perdeu em situações que não sabia explicar ou descrever o pânico que sentia quando contou sobre o resultado para os pais e para o namorado. E aí surgiu a música.

— No início ele não era um musical e depois eu percebi que ele tinha potencial para ser um musical.

A montagem resume os último cinco anos de vida de Gabriel. Ele descobriu que tinha o vírus em 2010 aos 18 anos. Jovem, estudante, cheio de vida, a descoberta lhe levou a uma sensação de “sentença de morte”.



A página do musical também se transformou em um ambiente de informações para evitar a propagação do vírus *Reprodução/ Facebook*

O artista conta que o laboratório pediu para que ele repetisse os exames e às 16h de uma quarta-feira uma funcionária do local entrou em contato com ele e pediu que ele comparecesse ao centro médico no dia seguinte, às 10h. Gabriel Estrela percebeu que o anúncio seria de um resultado positivo para o vírus HIV. Ao receber o resultado que confirmou suas expectativas, ele não conseguiu pensar, só sentia.

— O chão abriu pra mim. A única coisa que eu sentia era “não tem mais jeito”.

Ao chegar em casa, o jovem conseguiu apenas fazer um pedido de desculpas para a mãe, que entendeu o resultado. No dia seguinte, a irmã, o pai e a mãe do então estudante se mobilizaram para apoiar o filho. Do resultado às reflexões Gabriel levou um tempo. Cinco anos depois, ele mobiliza um sem número de pessoas que querem informações e virou um catalizador de histórias de pessoas que vivem com HIV.

— Depois que eu revelei, várias pessoas me contam que sentem efeitos colaterais, me falam dos problemas, algumas dizem que se sentem monstros, que andam na rua e chama que todo

mundo sabe que elas têm HIV. É um estigma e nós precisamos falar sobre isso. Nós temos vários avanços no combate à transmissão, o Brasil conseguiu reduzir em 50% a transmissão vertical, de mãe para filho, e a gente precisa dialogar para que não volte a ter uma epidemia, afirma o ator.

UOL

Endereço da página:

<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/19/ator-soropositivo-transforma-historia-pessoal-em-espetaculo-de-teatro.htm>

Ator soropositivo transforma história pessoal em espetáculo de teatro

Miguel Arcanjo Prado

Do UOL, em São Paulo

19/08/2015 06h00

João P.



Teles/Divulgação

diretor e dramaturgo Gabriel Estrêla

O ator,

Aos 23 anos, o ator Gabriel Estrêla tomou uma decisão: revelou, em uma rede social, ser portador do vírus HIV havia cinco anos. Estudante de artes cênicas da UnB (Universidade de Brasília), ele resolveu transformar sua experiência em teatro e lançou o projeto do espetáculo "Boa Sorte", no qual pretende tratar a doença sem preconceito.

O título é inspirado na música homônima cantada por Vanessa da Mata e Ben Harper, que ele ouviu no laboratório, enquanto aguardava o resultado --positivo-- de seu teste de HIV. Os versos "é só isso, não tem mais jeito, acabou, boa sorte" que soavam no alto-falante da sala de espera pareceram premonitórios e nunca mais saíram da cabeça dele.

Estrêla conta que a decisão de se abrir publicamente surgiu de "uma necessidade de compartilhar o que estava passando". Para o ator, aquela revelação poderia ajudar outras pessoas que, como ele, foram surpreendidas com um resultado positivo e que precisam lidar com isso.

O ator afirma que houve quem se manifestasse contra ele compartilhar sua condição de soropositivo, mas que teve o apoio do namorado, Gabriel Martins, que não tem o vírus e é seu braço direito no projeto "Boa Sorte". "Ele, soronegativo, tem uma sensibilidade para o HIV que eu, depois de cinco anos vivendo com o vírus, ainda não tenho", diz Estrêla.

Estrêla recebeu centenas de mensagens de apoio à sua coragem. "Aos pouquinhos, as pessoas saíram da toca, vieram conversar comigo, contar algumas histórias, isso é um passo muito importante. Só cheguei a contar para o mundo porque antes, aos pouquinhos, ia contando para as pessoas à minha volta".

A cantora Vanessa da Mata também ficou sensibilizada com a história. Ela recebeu o ator em seu camarim, após um show em Brasília no mês passado, e posou ao lado de Estrêla. "Ela foi muito atenciosa. Mesmo na correria de fim de show, me recebeu no camarim, ouviu o que eu tinha a dizer com muito carinho e levou para a casa o projeto da peça".

João P. Teles/Divulgação



O ator, diretor e dramaturgo Gabriel Estrêla

Os artistas também abraçaram a ideia. O musical, escrito e dirigido por Estrêla, recebeu 120 inscritos para as audições, dos quais dez foram escolhidos por ele para a primeira temporada de ensaios, a partir da qual selecionará os cinco integrantes do elenco final.

O musical terá o clima intimista da MPB, famosa pelo banquinho e o violão do show de barzinho. Estrêla quer fazer um espetáculo "ao pé do ouvido", próximo do espectador. Até o

final de outubro, quando deverá acontecer a estreia em Brasília, ele vai se concentrar nos ensaios do musical, com o qual pretende viajar pelo Brasil, caso consiga patrocínio.

HIV e arte

Nomes que também precisaram conviver com o HIV em tempos muito mais sombrios --como os cantores Cazusa, Renato Russo e Freddie Mercury e os escritores Michel Foucault e Caio Fernando Abreu-- são referências para Estrêla, sobretudo por terem dialogado com a doença com suas artes, assim como ele faz agora.

"Não podemos negar o peso do vírus na obra deles, independentemente do que falavam sobre o assunto. Lança a questão, entende? Quanto de vírus há nesta canção? Quanto desse pensamento é Foucault? Quanto dele é HIV? É difícil mensurar o impacto do vírus em nossas vidas e naquilo que produzimos", afirma o artista nascido em Goiânia, mas que mora em Brasília desde os três anos.

É importante poder contar com alguém em momentos de crise, poder aos pouquinhos rir da situação, encontrar graça, leveza. Somos pessoas, a gente chora hoje, mas ri amanhã. O vírus continua. E daí?

Além do espetáculo, Estrêla ainda se aproximou do Unaid (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids) e do Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde. Ele conta que estar perto dos projetos lhe ajudou a "abrir os olhos para o quanto a epidemia é complexa no Brasil".

Por isso, afirma que é preciso tratar a doença com mais naturalidade, para que as pessoas que convivem com o HIV/Aids não precisem se esconder devido ao preconceito. "Falar a respeito é importantíssimo para o tratamento. Não ter de esconder consultas, exames, remédios pode facilitar demais a vida dessas pessoas".

Para Estrêla, é preciso encarar a doença de cabeça erguida. "É importante poder contar com alguém em momentos de crise, poder aos pouquinhos rir da situação, encontrar graça, leveza. Somos pessoas, a gente chora hoje, mas ri amanhã. O vírus continua. E daí?".

Veja também

- **Conheça artistas que encaram o desafio de substituir estrelas de musicais**
- **"Mudança de Hábito" reforça importância da música para história bem contada**
- **Bruno Gissoni estreia peça em que canta e dança vestido de mulher**